## Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: 298
Mês: Dezembro

Mês: Dezembro Ano: 2023 Preco: R\$ 5,00



## 4 Editorial

Este número do Jornal de Letras corresponde aos meses de janeiro e fevereiro de 2024. É uma edição geminada, mas com todos os assuntos costumeiros. A Academia Brasileira de Letras (ABL) segue seu trabalho de valorização da língua portuguesa. A sua Comissão de Lexicografia e Lexicologia, presidida pelo imortal Evanildo Bechara, está mais ativa do que nunca. Tem dois grandes projetos em marcha: a publicação do novo Dicionário da Língua Portuguesa, com verbetes inovadores, e a edição de mais um Vocabulário Ortográfico, além da segunda edição do Vocabulário Onomástico, que tivemos o privilégio de lançar em 1988, quando estávamos na presidência da ABL. Agora, vem aí uma segunda edição, enriquecida com novos termos. É um trabalho de grande relevo em defesa da língua pátria.

O Editor.



Da Ciência para as Letras: A médica Margareth Dalcolmo e o presidente da FAPERJ, Jerson Lima (à direita), tomaram posse no PEN Club do Brasil, presidido por Ricardo Cravo Albin (Foto: Divulgação).

"A literatura é o universo paralelo da vida. Em certos casos mais criativa do que ela.

O personagem é a antimatéria do leitor."

Paulo Bonfim

#### Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier Editora-adjunta: Beth Almeida Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 — Tel.: (21) 2523.2064 — Ipanema — Rio de Janeiro — CEP: 22.410-002 — e-mail: institutoantares.info@

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa). **Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida - Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDICÕES CONSULTOR.

### Opinião Arnaldo Niskier



#### Um grande africanista

A Academia Brasileira de Letras (ABL) sentirá muito a falta de Alberto da Costa e Silva, que nos deixou aos 92 anos de idade. Diplomata, poeta e historiador, ocupava a cadeira nº 9 da ABL, tendo sido também por um período o seu efi-

ciente presidente.

No Governo Sarney, exerceu a direção da Embaixada do Brasil em Portugal e organizou uma visita de imortais, de que temos a melhor das lembranças. Publicou nove livros sobre o continente africano, entre os quais: *A Enxada e a Lança: A África Antes dos Portugueses*, lançado em 1992, e *A Manilha e o Libambo: A África e a Escravidão, de 1500 a 1700*, que saiu dez anos depois.

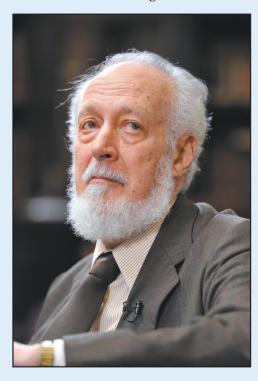
Foi diversas vezes premiado com o famoso "Jabuti" e o "Camões", mas ele costumava dizer que a sua maior láurea foi o título de doutor honoris causa da Universidade de Ifé, na Nigéria. Recebeu também o Troféu Juca Pato. Sua morte foi também lamentada pelo presidente Lula, que o qualificou como um dos mais importantes conhecedores da África existentes no Brasil.

Tinha orgulho de afirmar que seguia a trilha do pai, Antônio Francisco da Costa e Silva, poeta e funcionário público, que havia sido desconsiderado pelo Barão do Rio Branco, na carreira pública, segundo ele "por ser muito feio". O nosso acadêmico nunca se conformou com essa agressão.

A sua curiosidade pela África surgiu depois de muitas leituras da obra de Gilberto Freyre. Depois de Lisboa, assumiu diversos encargos diplomáticos em Caracas, Washington e Madri. Na Nigéria, ficou por cinco anos, mais tarde exercendo essa mesma função em Portugal, na Colômbia e no Paraguai. Atribui ao

ex-governador Carlos Lacerda o estímulo para escrever sobre a experiência africana. Costumava afirmar que seguia a máxima de Goethe: "A cultura é a soma de poesia e história."

Seus poemas sobre a esposa Vera, precocemente falecida, foram também premiados. Na década de 2000, lançou *Um Rio Chamado Atlântico*. Em diversos textos condenou o racismo e defendeu as cotas racistas. Foi também memorialista, com livros como *O Espelho do Príncipe* e *A Invenção do Desenho*.



"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor lembre-se: se escolher o mundo ficará sem o amor, mas se escolher o amor com ele você conquistará o mundo."

**Albert Einstein** 

# O super vice-presidente da República

Por Nelson Valente\*

O médico Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho nasceu em Pindamonhangaba em 7 de novembro de 1952. Quando jovem, teve discreta participação no movimento estudantil. Recebeu de um amigo o convite para se candidatar a vereador. Foi eleito com cerca de 5. 000 votos – um recorde para a cidade do interior de São Paulo da época.

Geraldinho, como o governador ainda é conhecido em Pindamonhangaba, a 145 km de São Paulo, no Vale do Paraíba, cursava medicina na vizinha Taubaté e, segundo seus colegas da época, não pensava em se candidatar sequer ao grêmio estudantil da faculdade. Por conta disso, foi com surpresa que a família ouviu do rapaz magro a notícia de que havia aceitado o convite do então presidente do MDB de Pindamonhangaba, Paulo Delgado, para tentar uma vaga na Câmara Municipal. Delgado arregimentava jovens para a disputa das eleições nas fileiras do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, que fazia oposição à Arena (Aliança Renovadora Nacional) e ao regime militar (1964-1985).

O objetivo de Delgado e seu grupo era renovar a cena política de Pindamonhangaba e deixar para trás nas urnas velhos caciques arenistas. Por conta do bipartidarismo imposto pela lei, os jovens da cidade se abrigaram sob a mesma legenda que deu guarida nos anos 70 a radicais de esquerda e a adeptos da luta armada. O jovem vereador Alckmin havia sido sondado pelo partido para ser candidato a prefeito. A consulta ao "doutor" Geraldo, antes de decidir aceitar o convite para disputar a prefeitura, não era mais uma firula de um candidato titubeante. Alckmin perdera a mãe cedo. Miriam Penteado Alckmin tinha 49 anos quando morreu de complicações cardíacas agravadas por uma bronquite asmática.

Aos 10 anos, o caçula Alckmin só foi informado no final da tarde daquele 12 de junho que a mãe amanhecera morta. Apesar da forte ascendência sobre o filho, o velho Geraldo, agrônomo do Estado, enxadrista exímio, costumava não interferir nas decisões do filho. Alckmin aceitou o convite e, aos 23 anos, em 1976, foi eleito prefeito. O pai o acompanhou na prefeitura, onde foi chefe de gabinete de Alckmin. O procurador de Justiça Thiers Fernandes Lobo, que seria o candidato a prefeito, acabou saindo como vice.

#### HÁBITOS COMEDIDOS

Alckmin é comedido na alimentação. Jovem, não bebia nem fumava. Sugeria aos amigos mamões depois almoço. "É digestivo", dizia. Um dia na casa da avó, já prefeito, ele sumiu. Foi encontrado em uma árvore, de terno e gravata, comendo jabuticabas.

Do pai, que era católico franciscano, herdou a religiosidade. Em um filme 16 mm, guardado por San Martin, é possível ver Alckmin aos seis anos fazendo a primeira comunhão. Com a morte da mãe, a família deixou o sítio onde vivia e foi morar com os avós maternos de Alckmin no centro de Pinda. É dessa época a professora mais brava que o menino teve: a freira alemã Sigsberta, que colocava as crianças de castigo no canto da sala e era o motivo de calafrios.

No colégio, o governador não era o primeiro da turma, mas se destacava pela boa memória. Dizia-se santista, como o pai, mas não era muito fã das partidas de futebol. Jogava apenas quando elas eram no campinho do sítio.

Mesmo prefeito, Alckmin concluiu a residência e tornou-se anestesista. Chegou a exercer a profissão na Santa Casa de Pinda, mas, em 1982, se elegeu deputado estadual pela primeira vez.

Antes, em 1979, casara-se com Maria Lúcia, que ele conhecera em um baile em Pinda. Ele e "dona Lú", como a primeira-dama ficou conhecida, têm três filhos – Sophia, Geraldo Neto, e Thomaz, que tem um filho.

Na Assembleia, Alckmin expandiu sua base eleitoral, reelegeu-se e, em 1986, lançou-se candidato à Constituinte. Eleito para a Câmara dos Deputados, aproximou-se de Mário Covas (1930-2001), Franco Montoro (1916-1999) e Fernando Henrique Cardoso, o grupo de cardeais do então PMDB que, com o atual governador, fundaria em 1988 o PSDB.

Em Brasília, não chamou a atenção do grupo pela habilidade política, mas pela dedicação e pelo espírito apaziguador. O trabalho no Congresso ajudou Alckmin a ganhar a indicação dos tucanos para ser vice de Covas em 1994 e 1998.

#### DERROTAS E VITÓRIAS

Em 2000, candidatou-se à Prefeitura de São Paulo, mas perdeu a vaga no segundo turno para Marta Suplicy (PT) por 7.691 votos. Covas, satisfeito com o desempenho de seu vice, comentava: "Não disse que ele era bom?" No Palácio dos Bandeirantes, coordenou o processo de desestatização e assumiu o comando em março de 2001, com a morte de Covas. Em janeiro de 2002, a crise da segurança colocou em xeque sua capacidade de liderança. Naquele mesmo ano, Alckmin começou a campanha em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto para o governo de São Paulo, atrás de Paulo Maluf (PPB). Acabou eleito no segundo turno, vencendo o então candidato do PT, José Genoino, com 58, 64% dos votos. Pelo seu estilo discreto, o governador é conhecido também como "picolé de chuchu", apelido dado pelo colunista do UOL e da Folha de São Paulo José Simão.



Alckmin e dona Lú casam em 1979.

Para chegar ao cargo de governador do Estado de São Paulo, o médico pindamonhangabense Dr. Geraldo José Rodrigues Alckmin filho, certamente, teve muitas pessoas importantes em sua vida. Mas, com certeza, uma mulher simples, humilde, bondosa, sempre presente na vida da família Alckmin, foi uma dessas pessoas mais importantes. Thereza Faria Santos, popularmente conhecido por "Nhá", foi responsável por cuidar do menino Geraldinho desde muito pequeno.

Após a vitória de Alckmin nas eleições de 2010, "Nhá" me concedeu

esta entrevista exclusiva, para o *Jornal da Cidade* do qual eu era o editor-chefe:

#### Onde a senhora nasceu?

Nhá – Nasci em Natividade da Serra, em 12 de maio de 1940, signo de Touro, filha única de Sebastião Antonio dos Santos e Margarida Soares dos Santos, sou solteira até hoje.

#### E como e quando veio para Pindamonhangaba?

Nhá – Vim para a cidade em agosto de 1953, com 13 anos de idade, porque os pais do menino Geraldo – Dr. Geraldo José Rodrigues Alckmin e Dona Myriam Penteado Rodrigues Alckmin – precisavam de uma pajem para cuidar dele.

#### Onde a família residia quando a senhora aqui chegou?

Nhá – Eles moravam numa casa no centro da cidade, onde hoje é a loja da Casas Bahia. Depois de um ano nos mudamos para a residência no Haras Paulista, onde o Geraldinho comemorou seu primeiro aniversário.

#### A senhora criou Geraldo Alckmin desde que idade?

Nhá – Ajudei a criá-lo desde que ele tinha seis meses de idade até jovem, quando saiu da casa dos pais para se casar com Maria Lúcia Ribeiro Alckmin, a "Lu", que a partir de 1º de janeiro de 2011 voltaria a ser a primeira-dama do Estado de São Paulo.

#### Como era a família Alckmin na época?

Nhá – Era formada pelos pais e pelas crianças, Geraldinho com seis meses, a Maria Aparecida "Mimi" com dois anos e a Maria Izabel com um ano de idade.

#### Como foi a convivência com a família durante tantos anos?

Nhá – Foi maravilhosa, uma ótima escola para mim que também era menina. O Dr. Geraldo (pai do Geraldinho) era ótimo chefe de família, muito inteligente e culto, e principalmente religioso católico. A hora de rezarmos o terço, de irmos às missas e às comemorações religiosas era sagrada. E a Dona Myriam também tinha uma ótima formação em todos os sentidos.

#### E o garoto Geraldinho, como era?

Nhá – Ele sempre foi um menino muito reinador, mas ótima pessoa. Na escola sempre foi bom aluno e tirava só notas boas. Ele gostava de criar frangos e galinhas e ovos, que vendia para a própria família para ganhar seu dinheirinho.

#### Geraldo já mostrava ter o dom de falar bem?

Nhá – Sim, sempre foi muito falador. Quando se formou no Externato São José, como orador da turma, já demonstrou o dom de discursar que hoje todo o Brasil conhece. E também a calma e paciência: durante o discurso o papel caiu no chão, tranquilamente ele se abaixou, pegou o papel e continuou o discurso.

#### Qual foi o momento mais triste para a senhora com a família Alckmin?

Nhá – Foi no dia 12 de junho de 1963, quando faleceu dona Myriam, mãe das crianças. O Geraldinho tinha 11 anos de idade e percebi que minha responsabilidade com ele e com a família passaria a ser muito maior a partir daquele instante. Foi uma tristeza difícil de ir embora, para todos nós.

A senhora achava que aquele pequeno garotinho iria tão longe na vida?

Nhá – Achava sim, pela inteligência que ele sempre demonstrou; pelos familiares que haviam se destacado na política como deputado e ministro, eu tinha certeza que o Geraldo também era um predestinado a ser um grande hamem

Mesmo após as derrotas para prefeito de São Paulo e presidente, a senhora achava que ele ainda seria um vitorioso?

Nhá – Sim, nunca deixei de acreditar nele, tinha certeza que voltaria a governar o Estado mais poderoso da Nação.

#### O apelido de Geraldo quando garoto era "Paiau", qual o motivo?

Nhá – É porque como ele gostava de fazer gracinhas, Dona Myriam, sua mãe, o chamava de palhacinho. A Mimi queria chamá-lo assim também, mas não saía, só saía "paiau", aí o apelido pegou.

Qual a sensação da senhora hoje, vendo a criança que a senhora criou praticamente a vida toda, como um dos políticos mais importantes e queridos do Prasil?

Nhá – Nossa, a alegria é muito grande, minha felicidade é enorme, oro todo dia a Deus para mantê-lo sempre esse homem educado, o político honesto e competente, esse modelo de grandioso ser humano e exemplo moral para a política do nosso país.



## January Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

- 147 TEXTOS CURTOS INÉDITOS COMPÕEM OS ROSTOS que Tenho, livro póstumo da saudosa acadêmica Nélida Piñon, lançado pela Record. Dois meses antes de morrer, em dezembro passado, o material foi entregue para publicação.
- ♠ Ambientado na Revolução Síria, Enquanto Houver Limoeiros (Ed. Verus), da canadense Zoulfa Katouh, foi considerado um dos melhores livros do ano pelo Washington Post e pela Amazon.
- © Como Chegamos a Paris E Outras Narrativas (Ed. Bertrand) é um vislumbre pessoal da vida de Ernest Hemingway, desde as experiências na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial até o primeiro safári na África. A tradução é de Roberto Muggiati.
- REBENTAR (Ed. Record), de Rafael Gallo, laureado com o Prêmio São Paulo de Literatura 2016, ganhou nova versão, com redução de trechos e inclusão de um capítulo inédito. O autor é vencedor dos prêmios José Saramago 2022 e Sesc de Literatura 2012.
- © Depois de dez anos de pesquisas, foi lançada *A Música e os Músicos em Tempos de Intolerância: O Holocausto* (Editora Rio Books), obra da historiadora Silvia Lerner.
- 44° LIVRO LANÇADO pelo francês Patrick Modiano e o terceiro escrito após ele ser laureado com o Nobel de Literatura de 2014 *Cena de um Crime* (Ed. Record) explora os enigmas do tempo e da memória.
- A Livraria Mágica de Paris, de Nina George, ganha edição especial da Editora Record, com pintura trilateral e tradução de Petê Rissatti. O livro sobre um "farmacêutico de almas" já vendeu mais de 2 milhões de exemplares pelo mundo.

ativismo político negro, na

época da abolição.

típico morador carioca.

- EM Das Coisas Definitivas, passado e futuro interligados compõem uma teia narrativa sobre a saga de uma família poderosa na São Paulo dos séculos XX e XXI. O romance marca a estreia de Carlos Eduardo de Magalhães, semifinalista do Prêmio Oceanos 2016, na Editora Record.
- A Leste DO ÉDEN, obraprima de John Steinbeck, um dos mais importantes autores dos Estados Unidos e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1962, volta às livrarias com o selo da Editora Record, traduzido por Roberto Muggiati.
- O SEGUNDO VOLUME | do dicionário ilustrado | Imprensa Feminina e Feminista no Brasil (Autêntica) | é um desdobramento das | investigações que Constância Lima Duarte realiza, | desde a década de 1980, | sobre a história das mulheres e o movimento feminista | no Brasil.
- EM 1947 (Âiyné), a premiada escritora e jornalista sueca Elisabeth Åsbrink captura o ano que definiu o mundo moderno, entrelaçando eventos históricos com momentos de sua história pessoal.
- AUTORA DO premiado *A Cor Púrpura*, Alice Walker se apresenta para além de sua obra no inédito *Colhendo Flores sob Incêndios: Os Diários de Alice Walker 1965-2000*, organizado por Valerie Boyd, com tradução de Nina Rizzi para a Editora Rosa dos Ventos.

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

#### O NATAL DAS ÁRVORES DE NATAL



- © Temas como orixás, as esquinas, o Carnaval e o improvável se misturam nos 77 textos que compõem *Crônicas Exusíacas* & *Estilhaços Pelintras* (Ed. Civilização Brasileira), de Luiz Antonio Simas.
- O CARTEIRO E O POETA (Grupo Editorial Record) é uma homenagem do chileno Antonio Skármeta, um dos mais representativos autores da nova literatura latino-americana, a Pablo Neruda, prêmio Nobel de Literatura de 1971.
- Atemporal, o clássico da literatura norte-americana *O Fim do Mundo* (Ed. José Olympio), de Upton Sinclair (1878-1968), retorna às livrarias com a célebre tradução de Lúcio Cardoso (1912-1968).
- Vencedor do Prêmio Ciutat de Barcelona 2019, Um Encontro com a Lady, livro de estreia de Mateo García Elizondo, neto de Gabriel García Márquez, ganhou tradução de Ivone Benedetti para a Editora Record.
- Para escrever A Biblioteca Secreta de Londres (Ed. Record), Kate Thompson conversou com sobreviventes da Segunda Guerra, além de centenas de bibliotecários. Trechos dessas entrevistas abrem cada capítulo do livro, que traz ainda

- fotos da biblioteca original da estação inacabada de Bethnal Green.
- EM O Rei: A vida de Charles III (Ed. Best Seller), o jornalista Christopher Andersen, autor de mais de 35 livros sobre a família real e outras celebridades, revela detalhes da personalidade do personagem título.
- O Nome que o Nome Tem (Ed. Myrtha), de Luís Pimentel, tem como proposta uma viagem lúdica contra preconceitos.
- © Com ILUSTRAÇÕES do antropólogo Raul Lody, *Caroço de Dendê* (Ed. Pallas), de Mãe Beata de Yemonjá (1931-2017), reúne 43 contos da líder religiosa que resgatam a memória oral afro-brasileira.
- PREMIADO COM O Jabuti 2013 por Namíbia, Não, Aldri Anunciação acaba de lançar Pretamorphosis, pela Editora Malê.
- EM VERSOS RIMADOS e com ilustrações de Bronagh Lee, Um Aperto no Peito, de Áline Murray, chega às livrarias com tradução de Fernando Penteado para a Editora Benvirá.
- A TONALIDADE LÚDICA DE COBAIA (7Letras), da poeta carioca Maria Helena Nascimento, reativa sentidos esquecidos e aquece a memória de quem lê.



Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

#### Ouando devo usar "te" ou "ti"?

Não há coração apaixonado que não se desencante com uma declaração de amor do tipo "Eu ti amo".

Não se enganem mais ao empregar os pronomes oblíquos te e ti. A forma ti, com "i", é tônica, já a forma te, com "e", é átona. Não ajudou muito, não foi? Vamos tentar esclarecer de outro modo. Ti sempre é acompanhada de preposi-



ções (a, contra, de, em, por etc.). O mesmo não ocorre com te. Exemplo: Eu te amo é Eu amo a ti.

#### Sem cor

"Gabriel comprou três calças laranjas."

Aposto como era de outra cor! As cores que têm nome de **objetos** (**laranja**, **gelo**, **limão**, **vinho**, **violeta**, **rosa**) não vão para o plural, uma vez que são **substantivos adjetivados**, ou seja, derivam de palavras originalmente substantivas, que podem funcionar como **adjetivos** se estiverem qualificando outro substantivo, ficando sempre **invariáveis**.

Frase correta: "Gabriel comprou três calças laranja."

#### Aquém de X além de

Mariana quer comprar um móvel, mas não sabe bem como avaliar o bem: "O valor da cadeira estava aquém de seu preço, mas mariana pagou mesmo assim."

Veja: **aquém de** = abaixo de, inferior.

"O valor da cadeira estava além de seu preço, mas Joana pagou mesmo assim."

Veja: **além de** = acima de, superior.

Esperamos que a próxima compra da Mariana seja bem equilibrada.

#### Contando o tempo

"A cerca de 15 anos Yara conheceu o marido e, desde então, vive feliz."

Duvido! Ela está empregando de forma errônea a expressão. O correto, nesse caso, é a expressão **há cerca de**. Veja:

A cerca de – espaço aproximado de tempo (que ainda não passou) ou distância aproximada.

**Há cerca de** – espaço aproximado de tempo (que já passou) ou quantidade aproximada.

Período correto: "**Há cerca** de 15 anos Yara conheceu o marido e, desde então, vive feliz."

#### Viagem furada

"Jéssica adorou a estadia no hotel mais caro do país."

Aposto como a viagem não foi tão boa assim!

Veja: **Estadia** – se aplica para veículos em geral. Ex: como carros num estacionamento, aviões num hangar. **Estada** – se aplica para pessoas: Ex: É cara a estada nesse resort?

Frase correta: "Jéssica adorou a **estada** no hotel mais caro da país."

#### 100 anos de perdão

"O ladrão arrependido queria espiar seus crimes na confissão diante do pastor."

Dessa forma, a confissão não ajudou em nada!

Veja: **Espiar** – às escondidas, observar secretamente por curiosidade ou interesse. Ex: **espiar** pelo buraco da fechadura, **espiar** o namoro da filha no portão.

**Expiar** – pagar ou se remir (crime, pecado, falta etc). Também significa sofrer as consequências de alguma ação errada ou injusta. Ex: político **expiando** suas falcatruas e sendo destituído do cargo.

#### **Enjoada**

"Eduarda tem muitos enjôos por conta da gravidez."

 $\mbox{N\~{a}}\mbox{o}$  vai melhorar, se continuar escrevendo erroneamente.

O acento circunflexo das palavras terminadas em **e/em** ou **o/oo** foi abolido pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Ex: creem - crêem / relêem - releem / vôos - voos.

Frase correta: "Eduarda tem muitos enjoos por conta da gravidez."

## Estruturas paralelas

Por José Augusto Carvalho\*

O paralelismo é o nome que se dá a uma construção sintática em que se coordenam segmentos de mesma estrutura ou de estrutura semelhante. Em outras palavras, o princípio do paralelismo é o de que só se podem coordenar segmentos homólogos. Por exemplo: abaixo (frase 1), não se respeitou o paralelismo porque se coordenou um adjetivo (viajado) e uma oração (que tem muita experiência). Para que haja paralelismo, ou se coordenam as duas orações de estrutura semelhante (frase 2) ou se coordenam dois adjetivos (frase 3). Uma terceira correção consistiria em eliminar a coordenação interoracional e, portanto, em manter apenas a coordenação entre adjetivos (frase 3). Vamos às frases: 1. É um homem muito viajado e que tem experiência. 2. É um homem que viajou muito e que tem experiência. 3. É um homem muito viajado e experiente.

Na minha gramática e em artigos publicados, tenho afirmado que o paralelismo não é obrigatório e que, portanto, pode ser ignorado por quem escreve. Foi lendo o artigo "A segunda morte de Mário de Andrade", de Lira Neto, publicado no caderno 6 ("Ilustrada"), do jornal *Folha de São Paulo*, de domingo, 30 de abril de 2017, que resolvi rever meu ponto de vista, ao deparar com um período que prova que a ausência de paralelismo ou o falso paralelismo podem prejudicar a compreensão ou fazer claudicar a sintaxe. Eis o período em que o falso paralelismo torna a sintaxe truncada: "Para o homem que está no comando da biblioteca fundada em 1925 e que desde 1960 passou a se chamar Mário de Andrade, lugar de samba – e de sambista – é no boteco."

As duas orações iniciadas pelo "que" são: "que está no comando da biblioteca fundada em 1925" e "que desde 1960 passou a se chamar Mário de Andrade". São duas orações adjetivas, duas construções paralelas. Como só se coordenam elementos de mesma função, o texto diz que é o homem que está no comando da biblioteca que passou a se chamar Mário de Andrade. Na verdade, o que o autor do texto pretendeu dizer é que é a biblioteca que passou a se chamar Mário de Andrade e não o homem que está no seu comando (ele coordenou indevidamente um adjetivo – "fun-

dada" – com uma oração adjetiva – "que desde 1960 passou a se chamar Mário de Andrade"). O equívoco pode ser anulado com a eliminação da coordenação, isto é, com a eliminação do falso paralelismo: "Para o homem que está no comando da biblioteca fundada em 1925, que desde 1960 passou a se chamar Mário de Andrade, lugar de samba – e de sambista – é no boteco." Se o autor quisesse manter o verdadeiro paralelismo, o período seria o seguinte: "Para o homem que está no comando da biblioteca, que foi fundada em 1925 e que desde 1960 passou a se chamar Mário de Andrade, lugar de samba – e de sambista – é no boteco."

A ausência de paralelismo levou Carlos Heitor Cony, na crônica "Esquina errada", 1º §, linhas iniciais, publicada na *Folha de São Paulo* de 1º de novembro de 2015, A2, p. 2, a usar dois sujeitos lexicalmente distintos representando um único sujeito semântico: "Acontece com qualquer um: de repente, dobra-se uma esquina errada e nunca chegamos ao destino desejado." Se utilizasse como sujeitos itens lexicais semanticamente idênticos, sem subjetivismo, embora sintaticamente distintos, a frase seria assim: "Acontece com qualquer um: de repente dobra-se uma esquina errada e nunca se chega ao destino desejado" ou: "Acontece com qualquer um: de repente dobramos uma esquina errada e nunca chegamos ao destino desejado."

A ausência de paralelismo também pode tornar a frase ambígua: "A moça, num rompante, abraça a cega que soluça e a beija." Como os elementos coordenados são "abraça e beija" e não "soluça e beija", porque não há a repetição do pronome relativo para estabelecer o paralelismo das subordinadas, a ideia que a frase sugere é que a moça abraça e beija a cega. Mas, pelo contexto do qual se extraiu a frase, é a cega que beija a moça. A correção seria a seguinte: "A moça, num rompante, abraça a cega que soluça e que a beija." As duas orações subordinadas estão coordenadas entre si, num perfeito paralelismo.

Como se vê, ainda que, às vezes, se possa evitar o paralelismo, mantê-lo é sempre bom para a sintaxe e para a compreensão do texto.

<sup>\*</sup>José Augusto Carvalho, mestre em linguística pela Unicamp e doutor em letras pela USP, tem vários livros publicados sobre língua portuguesa, entre os quais: *Gramática Superior da Língua Portuguesa* (2. ed. Brasília: Thesaurus, 2011) e *Pequeno Manual de Pontuação em Português* (2. ed. Brasília: Thesaurus, 2013).



transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.



#### Luiz Gustavo Coppola

## O primeiro emprego

Arnaldo
Niskier: Hoje
recebemos a
visita de Luiz
Gustavo Coppola,

superintendente do CIEE – Centro de Integração Empresa Escola do Rio de Janeiro, órgão muito importante. Como é a sensação de administrar um órgão do relevo do CIEE?

Luiz Gustavo Coppola: Fazer a gestão de uma organização como o CIEE, que dia 1º de outubro completou 59 anos, é uma honra, é um sentimento de vitória de que alcançamos o topo da Pirâmide de Maslow, aquela de autorrealização. Hoje só queremos entregar para a sociedade brasileira tudo o que recebemos. O CIEE nasceu com o propósito de ajudar as pessoas a ingressarem e se capacitarem para entrar no mercado de trabalho em melhores condições.

#### Arnaldo Niskier: Que chamávamos de primeiro emprego.

Luiz Gustavo Coppola: É, desse momento divisor de águas entre o mundo da educação e o mundo do trabalho, não que você saia de um mundo para entrar em outro. Precisamos permanentemente estar nos capacitando, estudando, mas há o choque de cultura, quando se está só no mundo acadêmico e vai para o mundo de trabalho, que tem outra dinâmica, outra velocidade...

#### Arnaldo Niskier: O CIEE depende do governo? É financiado pelo governo?

Luiz Gustavo Coppola: Absolutamente. O CIEE depende exclusivamente da sua contribuição, prestação de serviços para a sociedade. A sociedade empresarial que percebe no CIEE uma plataforma em que vai descobrir seus novos talentos, seus futuros profissionais, são essas empresas – privadas e públicas também – que, ao contratar estagiários e jovens aprendizes, contribuem com a existência e a manutenção do CIEE.

#### Arnaldo Niskier: Hoje são quantos estagiários e aprendizes no Rio de Janeiro?

Luiz Gustavo Coppola: Temos hoje 40 mil jovens que saíram de sua residência e foram para as empresas aqui do estado do Rio de Janeiro, para um programa de estágio ou para um programa de aprendizagem. É uma das principais ações de inclusão de jovens no mercado de trabalho. Temos muito orgulho desse resultado, mas também temos uma fila de mais de 450 mil jovens, aguardando oportunidade do primeiro emprego. Então o CIEE faz um movimento de sensibilizar os empresários, na verdade, é uma sensibilização ou levá-los a consciência de que as empresas precisam de bons profissionais, de profissionais atualizados tecnologicamente e o estagiário é esse profissional. Até hoje, nesses 59 anos, mais de 5 milhões de jovens começaram sua carreira profissional através do programa de estágio do CIEE. Fico muito orgulhoso de visitar hoje um empresário, um dirigente de empresa, de uma associação de classe, um educador, um juiz, um desembargador. O desembargador ex-presidente do Tribunal de Justiça, Luiz Zveiter, foi estagiário do CIEE, me contou isso com muito orgulho. Hoje o CIEE coloca em programa de estágio mais de 4.500 estudantes de Direito.

Arnaldo Niskier: Foi uma coisa recente, o Tribunal de Justiça saiu do sistema do CIEE e agora voltou pelas suas mãos. Como foi isso?

Luiz Gustavo Coppola: Claro que a adminis-

tração pública, essa parceria, muitas vezes é decorrente de uma licitação e, em uma licitação, você tem um ganhador e uma empresa que fica em segundo ou terceiro lugar. Entendemos que o programa do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro exigia uma qualidade, um comprometimento, uma assertividade e, infelizmente, uma outra organização que não é do estado do Rio de Janeiro entendeu que poderia atender o Tribunal de Justiça de qualquer forma e venceu essa licitação, preço baixo, qualidade de serviço mais baixo ainda. O Tribunal viveu essa infelicidade por alguns meses, mas logo rescindiu o contrato. Percebeu que preço baixo não significa qualidade. Retomei o contrato com 4.500 jovens, a maioria estudante de Direito. É o maior parceiro do CIEE no programa de estágio. Muito bom ver que muitos empresários, gerentes de recursos humanos, diretores de recursos humanos, vice-presidentes de empresas começaram sua carreira como estagiário do CIEE. Tem essa memória afetiva, quando vê a logomarca, uma matéria, um programa do CIEE, acompanha o CIEE nas redes sociais, e fala: "Vou dar uma oportunidade para o jovem porque tive essa oportunidade, alguém me deu essa oportunidade." Falar do CIEE é falar com muita facilidade, é um prazer.

Arnaldo Niskier: Você se formou em São Paulo. São Paulo tem uma cultura típica, própria e é natural que isso aconteça, um estado do tamanho de São Paulo. Você veio para o Rio de Janeiro com uma outra preocupação ou cultura, vamos dizer assim. Queria que você contasse bem qual a diferença que existe entre o trabalho em São Paulo e no Rio de Janeiro. Antes de sua resposta, quero matar outra curiosidade, Coppola. Esse nome é muito familiar às pessoas que lidam com cinema internacional. Você é parente do Coppola italiano?

Luiz Gustavo Coppola: Temos um parentesco, sim, com muito orgulho. Meu avô veio da região da Campânia, na Itália, trabalhou nas fazendas do Matarazzo e depois, assim que terminou a Segunda Guerra, foi convidado a administrar uma das fazendas do Matarazzo aqui no Brasil e veio com meu pai, minha madrinha, a única irmã do meu pai. Brincamos, dizendo que a parte pobre da família Coppola veio para o Brasil e a parte rica ficou na Itália, como cineasta que, aliás, faz bons vinhos, está nos Estados Unidos. E aquela história que diz que a evolução é contínua, a filha do Coppola, a Sofia Coppola, também é uma diretora de cinema fantástica. Já conversamos por telefone, nos admiramos, sou fã de todos os filmes que ela fez, são excelentes e ficamos com muito orgulho de que o Coppola tenha traduzido também os livros do Mário Puzo. Não podemos esquecer que foi ele que escreveu os livros, os roteiros que viraram os filmes, a trilogia O poderoso chefão. Fico muito orgulhoso de fazer parte dessa linhagem.

#### Arnaldo Niskier: Quantos anos você trabalhou no CIEE de São Paulo?

Luiz Gustavo Coppola: No CIEE de São Paulo, foram 37 anos e agora quase 1 ano aqui no Rio de Janeiro e acho que mais uns 30 vou tocar. Essa mudança que fiz do estado de São Paulo para o Rio de Janeiro foi fechar com chave de ouro uma jornada que começou em São Paulo, na década de 1985. Fui estagiário no CIEE, fiz toda uma carreira, cheguei à superintendência nacional e assumi a presidência executiva, a gestão executiva aqui do Rio de Janeiro sob os comandos e orientação de Andreia Niskier, é uma realização profissional fantástica.

Arnaldo Niskier: O Globo e a Folha de São Paulo lidam semanalmente com o tema educação média, a Reforma do Ensino Médio em nosso país. E custa. Essa reforma já foi, já veio, criam coisas, como itinerários formativos. Pensamos que é uma grande inovação e depois o próprio governo recua. Como é essa ligação do CIEE com a educação do nosso estado?

Luiz Gustavo Coppola: Como o CIEE tem um compromisso com o jovem, nada mais forte do que manter uma relação muito próxima aos Ministérios da Educação, do Trabalho, e a questão da Reforma do Ensino Médio, o que entendemos no CIEE... Primeiro que as notícias que têm que chegar para o jovem, têm que chegar de uma maneira mais positiva, chegar de uma maneira que a educação que transforma vidas, que a educação é que vai ajudá-lo a ser um bom profissional, bem qualificado, com uma carreira de sucesso e bem remunerado no mercado de trabalho. A Reforma do Ensino Médio deveria ter um propósito principal que é atrair o jovem para a formação média e técnica.

Arnaldo Niskier: Como é que você, como técnico, superintendente, encara o emprego da tecnologia na educação dos nossos jovens, sobretudo em nível intermediário ou médio? Tem tanta coisa bonita acontecendo, inteligência artificial, internet. A realidade virtual hoje é um acontecimento. Como isso bate no seu espírito?

Luiz Gustavo Coppola: Bate muito bem, porque, apesar da instituição que represento estar completando 59 anos, ela é sempre jovem, trabalha para o jovem, com o jovem se renovando, inclusive se atualizando tecnologicamente sempre. O jovem hoje tem outro modo de absorver conhecimento, está ativo nas plataformas, se capacita a distância. É um jeito diferente do nosso tempo, que também entrega. No CIEE, também nos atualizamos tecnologicamente, já vínhamos fazendo isso e, com a pandemia, os processos, como em todas as empresas, hoje se acelerou. Então o jovem pode ter uma jornada no CIEE de inscrição, capacitação, porque temos mais de cem cursos de formação para o mundo do trabalho, desde como preencher um currículo, como gravar uma entrevista de apresentação até um pacote office.

#### Arnaldo Niskier: Qual é o maior curso que tem o CIEE?

Luiz Gustavo Coppola: Comportamental. Administração do tempo, como lidar com as pressões do dia a dia, como trabalhar em grupo. Como a máxima do mercado hoje é contrate caráter e desenvolva competências, o CIEE investe muito no desenvolvimento comportamental atitudinal do jovem, é o que se chama *soft skills*. Ele pode fazer tudo isso na nossa plataforma, sem sair de casa, no laboratório da faculdade, da escola técnica, da escola do ensino médio.

#### Arnaldo Niskier: O Rio tem 92 municípios, o que não é pouco. Você tem tido uma política de municipalização inteligente?

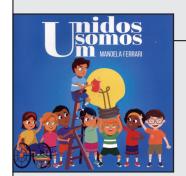
Luiz Gustavo Coppola: Muito forte. Já estive em várias dessas prefeituras, falando com os prefeitos, secretários de administração, já falei também com o governador do estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, com o prefeito Eduardo Paes. Estou falando também com todos os deputados federais do estado do Rio de Janeiro, 46 deputados federais e 3 senadores para que todos nos ajudem a criar uma política pública no estado do Rio de incentivo à contratação do jovem estagiário e jovem aprendiz. Muitas prefeituras das 92 do estado do Rio de Janeiro já têm um programa de estágio ou um programa de aprendizagem, mas ainda tem muito a crescer, e essa é a missão do CIEE, incentivar o poder público e a administração privada a contratarem jovens através do programa de estágio e do programa jovem aprendiz.

Arnaldo Niskier: Você vai fazer, já está fazendo, vai fazer um sucesso maior ainda e é o que temos no coração.

## Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



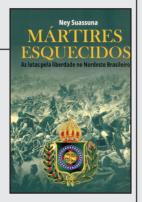
#### **UNIDOS SOMOS UM**

O que têm em comum uma lasanha, uma orquestra sinfônica, um estojo de lápis de cor, uma colmeia, um exército, uma peruca, um time de futebol e a água do mar? Para a jornalista e escritora Manoela Ferrari, muita coisa. Todos são exemplos de "unidade" e são abordados pela autora em seu novo livro. *Unidos Somos Um* (Editora Jordem) é o quarto livro da escritora para o público infantil e o 12º título de sua carreira literária, iniciada em 2011. A obra pretende despertar nas

crianças a importância da coletividade. A edição, com editoração e arte de Iron Ribeiro, chega às livrarias no fim de novembro. No texto, os exemplos de unidade são elencados pelo professor Nido numa aula de matemática sobre conjuntos. O interesse pela matéria será aguçado de forma diferente. O fio que conduziu a jornalista Manoela Ferrari à Literatura evidencia o legado potente de sua trajetória no território da linguagem. Repórter do Jornal de Letras há 20 anos, essa capixaba que trocou o Espírito Santo para estudar Comunicação Social na PUC-Rio carrega a certeza de que a força da palavra não será plena se não estiver envolvida por um amplo espírito coletivo. Sua escrita está profundamente ligada ao interesse pelo ser humano.

#### MÁRTIRES ESQUECIDOS

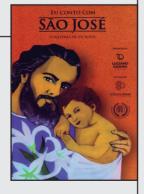
Em *Mártires Esquecidos – As lutas pela liberdade no Nordeste brasileiro* (2022), Ney Suassuna se propõe a "disparar uma fagulha na curiosidade de nossos estudantes", levando-os a conhecer um pouco mais sobre a Confederação do Equador, a Revolução Pernambucana, a Revolta do Maranhão, a Guerra dos Mascates, a Conjuração Baiana, a Cabanagem, a Sabinada, a Revolução Farroupilha e tantos outros movimentos que espalharam o sonho de liberdade e o patriotismo no território brasileiro. O texto concentra as atenções na "conspiração Suassuna"



e seus desdobramentos – a Insurreição Pernambucana e a Confederação do Equador –, misturando os ideais de brancos, negros e índios, miscigenados nas terras do açúcar e do pau-brasil, irmanados em defesa da terra. Nascido em Campina Grande (PA), em 1941, primo do saudoso acadêmico Ariano Suassuna, Ney Suassuna escreveu seu primeiro livro em 1979. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), presidente da Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca, presidente do centenário Anglo-Americano Escolas Integradas, bacharel em Administração e Economia pela UFRJ e em Pedagogia pela Faculdade Castelo Branco, também no Rio de Janeiro, cursou a Escola Superior de Guerra, em 1982. Atualmente, é senador suplente até 2028. Dentre seus livros publicados, destacam-se *A Saga Suassuna*, a trilogia *A República da Gaveta* e diversas coletâneas de poesias.

#### **EU CONTO COM SÃO JOSÉ**

A coletânea de contos *Eu Conto com São José* (IHD, 2023), organizada por Luciano Dídimo, é uma obra fruto da iniciativa da Academia Brasileira de Hagiologia, em parceria com o Instituto Horácio Dídimo. Enriquecida com belas ilustrações de artistas variados, a obra traz como apêndice uma importante Nota Hagiográfica, elaborada por José Lira, cofundador da ABRAHAG, com uma síntese bíblico-teológica da vida discreta, silenciosa e operante do homenageado. São José faz parte da toponímia, da cultura, do folclore, da literatura e da fé popular. Sob o epíteto de "São José Literário", tem seu nome



ligado ao Dia Internacional do Trabalho – 1º de maio. Cada conto ou crônica é um tributo às mais variadas figuras de São José. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Ceará, em Direito pela UNIFOR – Universidade de Fortaleza e Pós-graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela UNIDERP, Luciano Dídimo nasceu em Fortaleza, no dia 22 de fevereiro de 1971. Escritor e poeta com vários livros publicados, é membro, entre outras instituições, da Academia de Ciências, Letras, Artes e Ofícios de Pindoretama (ACLAP); da Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia (AVIPAF) e da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará (ALMECE).

#### A Lenta Modernização

A Lenta Modernização: Seleção de artigos 1988-2013

(Fishcher, 2014), como sugere o subtítulo, reúne artigos sobre o Brasil, escritos por Abram Szajman, versando não só sobre economia e política, como também seus reflexos sociais. Problemas, riquezas, defeitos e virtudes do país são discutidos ao longo de 399 páginas. Os artigos foram separados em grandes temas – 12 ao todo. Na página de abertura de cada, há um texto de apresentação que procura dar ao leitor as informações indispensáveis sobre



o assunto a ser tratado nos artigos que seguirão. Além dos publicados na imprensa entre 1988 e 2013 – foram recuperados alguns textos publicados entre 1988 e 2005 na revista *Problemas Brasileiros*, editada pelos conselhos regionais do Sesc e do Senac, discutindo as grandes questões nacionais. Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio SP) e dos conselhos regionais do Serviço social do Comércio (Sesc) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), o empresário Abram Szajman, nascido em 20 de julho de 1939, filho de imigrantes poloneses, nasceu e cresceu no bairro paulistano do Bom Retiro. Foi fundador do Grupo VR. Há quase três décadas, é a face e a voz de 600 mil empresas ou de 4% do PIB nacional. Além da atividade associativa e empresarial, apoia várias instituições.

#### O ENCONTRO MARCADO

A Editora Record lançou edição comemorativa em capa dura, com pintura trilateral, de *O Encontro Marcado*, em comemoração aos cem anos do nascimento do saudoso Fernando Sabino. Nesta 105ª edição, o livro, com 336 páginas, traz apresentação assinada pelo premiado escritor Michael Laub, e a reprodução, na íntegra, de uma carta de Clarice Lispector, escrita ao autor meses após o lançamento do livro, além de duas fotos: uma de Sabino elegantemente vestido em sua juventude e outra ao lado dos amigos Hélio Pellegrino, Paulo Mendes



Campos e Otto Lara Rezende. Os "quatro mineiros do Apocalipse", cuja amizade marcou a literatura brasileira, inspiraram alguns dos personagens e episódios do livro.

Publicado originalmente em 1956, *O Encontro Marcado* é uma das obras mais importantes da carreira de Fernando Sabino, autor vencedor do Jabuti e do Prêmio Machado de Assis. O romance, com traços autobiográficos, narrado quase todo em diálogos, traça a procura desesperada do "eu" e da verdadeira razão da vida pelo olhar do jovem escritor Eduardo Marciano, que amadurece num mundo desorientado, vivendo dramas interiores e expondo os equívocos fundamentais que vinham frustrando sua existência e sufocando sua vocação. No posfácio, Adauto Leva destaca as palavras de, entre outros, Mário de Andrade, Affonso Romano de Sant'Anna e Alceu Amoroso Lima.

#### **DIBUK**

O universo das histórias orais contadas por pessoas da família serviram de inspiração para Gilberto Schawartsmann tecer as crônicas incluídas na obra Dibuk (Ed. Sulina, 2023). Há uma história contada por seu pai e outras que vêm das pessoas que viviam no bairro onde nasceu, e que fazem parte do imaginário do autor. As conversas sobre o "dibuk" (espírito maligno) aparecem nas comunidades judaicas no centro da Europa entre os séculos XVI e XVII. É difícil precisar o quanto de verdade há nas histórias narradas neste livro, pois os fatos e as



fantasias se misturam e se confundem no texto. Há revelações e descrições das dores vividas por qualquer ser humano, entremeadas por momentos de realismo mágico. Presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Fospa), membro da Academia Nacional de Medicina e professor Titular da Faculdade de Medicina da UFRGS, entre outros títulos, Gilberto Schwartsmann é escritor, com obras traduzidas para o espanhol e para o francês. Entre os livros publicados, estão Gabinete de Curiosidades e Divina Rima: Um diálogo com a Divina Comédia, de Dante Alighieri, além de A Amante de Proust; Frederico e Outras Histórias de Afeto; Max e os Demônios; O Sol Brilhou na Corrúpnia; Acta Diurna e Meus Olhos.

## Dilermando de Assis em Bela Vista

Por Raquel Naveira\*

Vivemos num planeta sob o signo da tragédia. Muitas são as adversidades, os flagelos, os desastres, os dramas. Os gregos trouxeram as tragédias, peças que apresentavam histórias tensas, de final infeliz, nascidas das paixões humanas para o palco das arenas. A plateia assistia tomada de terror e lágrimas de compaixão. Uma tragédia clássica deveria ter personagens de elevado destaque como deuses e heróis; linguagem elegante e solene; desenlace com sacrifício, morte ou punição. Acima de tudo, a força de um destino do qual não se pode fugir.

A chamada "Tragédia da Piedade" teve todos esses ingredientes: dela fizeram parte o escritor Euclides da Cunha (1886-1909), jornalista, correspondente de guerra, que cobriu os principais acontecimentos da Guerra de Canudos, conflito dos sertanejos da Bahia liderados pelo místico monge Antônio Conselheiro contra o Exército brasileiro. A partir dessa experiência e anotações, publicou *Os Sertões*, epopeia notável, obra-prima permeada de neologismos, referências geológicas, botânicas, zoológicas, hidrográficas, sociológicas da região, dando origem assim ao movimento modernista. Dilermando de Assis (1888-1951), também da carreira militar, e Anna Emília Ribeiro da Cunha (1872-1951), esposa de Euclides da Cunha, filha do Marechal Sólon Ribeiro, que havia lutado na Guerra do Paraguai e amante de Dilermando. O triângulo amoroso foi formado e culminou na morte de Euclides da Cunha, que trocou tiros com Dilermando, na ânsia de lavar com sangue a sua honra, cumprindo o código da sociedade da época.

A tragédia começou quando Anna, aos trinta e três anos e com três filhos, encontrou Dilermando, sobrinho de umas amigas, jovem cadete de dezessete anos. Ficou encantada com a beleza dele, um verdadeiro deus loiro. Euclides ficava muito tempo longe, em campanhas. Anna se rendeu àquele amor proibido, do qual nasceram dois filhos: Mauro, que morreu logo depois do nascimento, e Luís. Ao voltar, Euclides sentiu-se pressionado e, num domingo de 1909, dirigiu-se à casa de Dilermando, anunciando que vinha "matar ou morrer". O confronto aconteceu na Piedade, subúrbio do Rio de Janeiro. Os tiros disparados por Euclides feriram o irmão de Dilermando, o atleta Dinorah, que, tempos depois, obrigado a andar de muletas por causa das sequelas, suicidou-se. Dilermando, também ferido, mas com forte treinamento militar, sacou a arma e desferiu dois tiros letais em Euclides. Morrera assim o imortal da Academia Brasileira de Letras, estrela da Literatura Brasileira. Levado a júri popular, Dilermando é inocentado, em meio à fúria da massa. Anna Emília e Dilermando se casaram logo após a absolvição.

Em 4 de julho de 1916, Dilermando sofre novo atentado, desta vez por parte de Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, então com vinte e dois anos. Dilermando estava num cartório e foi alvejado pelas costas. Ferido, reagiu matando seu agressor. Os tentáculos da tragédia continuavam a triturar as almas e atingiram como polvo várias gerações das famílias da Cunha e Assis. Em mais um tribunal do júri, Dilermando é considerado inocente por ter agido em legítima defesa.

Vários livros foram escritos, durante anos, sobre essa tragédia como, por exemplo *Anna de Assis: A história de um trágico amor*, depoimento de Judith de Assis, filha de Anna Emília e Dilermando, de 1987, e *Águas de Amargura: O drama de Euclides da Cunha e Anna*, de 1990, depoimento dado a Adelino Brandão pelo marido de uma das netas de Euclides da cunha, Eliethe da Cunha Tostes. O próprio Dilermando de Assis escreveu vários livros em sua autodefesa como: *A Tragédia da Piedade: Mentiras e calúnias* e *A Vida Dramática de Euclides da Cunha*.

Anna Emília e Dilermando seguiram juntos e tiveram mais filhos, três homens e duas mulheres, até que, em 1926, o casal se separou. Dilermando apaixonara-se por Maria Antonieta de Araújo Jorge, com quem teve uma filha, Dirce de Assis Cavalcanti, fina poetisa e filha amorosa, que escreveu o livro *O Pai*, sempre tentando restaurar a imagem de seu pai. Há pouco, Dirce, que está com noventa e um anos, compareceu à estreia do espetáculo Matar ou Morrer, da dramaturga Miriam Halfim, em cartaz no Rio de Janeiro.

Dilermando, em sua carreira até o posto de general, viveu em muitas cidades pelo país. Recebeu o título de ex-combatente por ter participado de operações bélicas na defesa da costa brasileira durante a Segunda Guerra Mundial; foi diretor do Departamento de Estrada de Rodagem e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Nessas andanças chegou a Bela Vista, município do centro-oeste, no então sul de Mato Grosso. Essa cidade fica na fronteira com o Paraguai, entre savanas e várzeas, banhada pelo Rio Apa. O Apa nasce na Serra de Amambai e deságua no Rio Paraguai, num percurso tortuoso. Um rio verde e embaçado como folha, sempre quente.

Imagino como deve ter se sentido naquelas lonjuras, onde a Guerra do Paraguai foi sanguinolenta e que o Coronel Camisão atravessou na célebre marcha até Laguna. Terras outrora marcadas pelo Caminho de Peabiru, que ligava o império inca ao litoral do Brasil; pelos confrontos entre portugueses e castelhanos, brasileiros e paraguaios na ânsia de anexar esses espaços aos países de origem; pelas correntes migratórias do Rio Grande do Sul complementando o povoamento no rastro da exploração da erva-mate, cujo monopólio era mantido pela Companhia Mate Laranjeira; pelo tráfico de drogas e contrabandos de armas e mercadorias roubadas. Complexa e perigosa fronteira.

Deve ter ficado deslumbrado com o conjunto arquitetônico formado pelo prédio branco do Quartel do Exército, que data de 1900, e pela Igreja de Santo Afonso, de estilo gótico, dedicada a esse teólogo que fundou a Congregação Redentorista, muito presente em Bela Vista. À frente um extenso gramado onde os homens jogam polo a cavalo, golpeando a pequena bola de madeira com um taco longo. Parecem os soldados ingleses que trouxeram o esporte da Índia, no período de sua colonização. Os cavalos são espécimes belíssimos, qualificados para as disputas de um jogo elegante.

Graças ao Coronel Sérgio Lima, consegui um relatório da presença do então Major Dilermando de Assis em Bela Vista. Ele chegou no primeiro semestre de 1936, na Praça Tenente Osvaldo Wagner, onde havia sete casas de uma vila militar, as primeiras construídas naquela guarnição. A antiga casa número 1, atual número 9, foi privativa dos comandantes do quartel. O major Dilermando de Assis, ao assumir o comando do Regimento, ocupou essa casa entre copas de laranjeiras.

Sabe-se que seguiu com o Regimento para Itá, a fim de fazer exercícios de fim de ano; classificou-se em primeiro lugar na prova de tiro de fuzil, em comemoração ao Dia da Pátria, tendo recebido como prêmio um buquê de flores, oferecido pela sociedade bela-vistense; fez inspeções nos destacamentos da Região de Porteira e de Margarida; fez um requerimento solicitando a impressão de um livro, que foi autorizada pela *Revista Militar Brasileira*; recebeu medalha de ouro com as devidas honras, pelo tenente Coronel Henrique de Azevedo Futura; depois de entregar o comando aos seu substituto, major Benjamin Constant Moutinho Ribeiro da Costa, seguiu para o Rio de Janeiro como chefe de seção do Estado Maior da Primeira Região Militar.

Dilermando foi reconhecido pelo fato de produzir, na invernada do Exército, verduras para o consumo dos praças, numa iniciativa ecológica e sustentável, digna de aplausos. Dilermando estava impressionado com as dificuldades de comunicação da isolada e distante Bela Vista e com a precariedade dos recursos locais, em termos de uma alimentação mais variada. Carne seca, abóbora e mandioca eram praticamente as únicas opções no cardápio. A Unidade não se achava aparelhada para enfrentar plantio e colheitas com as exigências da instrução militar, mas a operosidade e inteligência de Dilermando permitiram uma tropa bem apresentada e disciplinada e atendimento de outras tarefas com eficiência. Passou, portanto, de junho a dezembro em Bela Vista. Certamente, essa experiência ficou impressa em seu espírito, ao som de harpas, polcas e guarânias.

Dilermando de Assis morreu aos 63 anos, vítima de um infarto fulminante, seis meses depois da morte de Anna Emília. Uma dor forte no peito, como a dor que carregou em permanente tensão por toda a vida.

\*Raquel Naveira é membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras e do PEN Clube do Brasil.

Referências Bibliográficas:

VOGEL, Arno & FERREIRA, Regina- A tragédia da Piedade: o grande drama da República. Anuário Antopológio/2014, Brasília, UnB, v. 40, n. 1: 165-201.

Relatório do Quartel em Bela Vista/Mato Grosso do Sul, 23 de abril de 2015, assinado pelo Tenente Coronel Marcelo Rocha Lima e pelo Pesquisador Histórico Krugerson Mattos.



# TÁ EM ALTA.



www.angloamericano.edu.br



## O amparo à pesquisa do Rio de Janeiro

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

A Academia Brasileira de Letras celebrou acordo inédito de cooperação técnica com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ, conduzida atualmente de forma brilhante pelo presidente Jerson Lima, que divulgou o Programa de Apoio às Academias Nacionais sediadas no Estado do Rio de Janeiro.

A iniciativa visa a apoiar projetos de editoração e publicação de revistas e/ou periódicos científicos e tecnológicos brasileiros, livros impressos e/ou por via eletrônica, em todas as áreas de conhecimento, mantidos e editados por Academias Nacionais. O objetivo é ampliar a divulgação do acervo dessas instituições, assim como os resultados de pesquisas e trabalhos. Com isso, a Faperj segue ampliando a contribuição para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, cultural, ambiental e social do Estado.

A cooperação técnica vai melhorar a infraestrutura editorial e o acervo das Academias, apoiando a aquisição de livros e publicações em outras mídias destinados à pesquisa científica e tecnológica. Esse apoio incentiva a difusão do conhecimento, financiando projetos de suporte à organização, manutenção, informatização, digitalização, gestão e divulgação desses acervos.

Cada instituição poderá apresentar uma única proposta consolidada e são elegíveis como proponentes equipes formadas por um conjunto de pesquisadores com grau de doutor ou mestre, com vínculo empregatício ou funcional em Academias Nacionais, dentre os quais deverá ser nomeado um coordenador, sendo os demais participantes considerados como pesquisadores associados.



Fomento inédito: reunião na Academia Brasileira de Letras celebrou acordo de cooperação técnica com a FAPERJ, através do presidente Jerson Lima (5º a partir da direita, de frente).



O atuante presidente da FAPERJ, Jerson Lima.

Pós-graduandos, estagiários e funcionários técnico-administrativos do quadro das instituições partícipes também poderão integrar a equipe. Em cada proposta deverá fazer parte, obrigatoriamente, um profissional que cuide do acervo com vínculo empregatício ou funcional com a mesma Academia Nacional.

Segundo Jerson Lima, o edital foi concebido e criado para aumentar a parceria das Academias Nacionais sediadas no Estado do Rio de Janeiro com a sociedade, em especial a divulgação de seus acervos, tornando-os públicos, e também a realização de simpósios e atividades científicas e culturais, publicação de periódicos e livros, entre outros. "Essas academias são verdadeiros patrimônios da ciência e da cultura do nosso estado", afirmou o presidente da FAPERJ.

#### Trajetória do presidente da FAPERJ

Jerson Lima Silva recebeu o título de Doutor em Biofísica no ano de 1987 (Instituto de Biofísica, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). É professor titular no Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Tornou-se professor titular do Instituto de Bioquímica Médica em 1997 e Diretor do Centro Nacional de Ressonância Magnética Nuclear Jiri Jonas em 1998. É pesquisador bolsista (nível 1A) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 1987.

Silva é membro da Academia Brasileira de Ciências (membro efetivo), da Academia Mundial de Ciências (TWAS) – para o Avanço da Ciência em Países em Desenvolvimento e da Academia Nacional de Medicina (membro titular). Dentre os principais prêmios e distinções estão os da Fundação John Simon Guggenheim, 1991; da International European Economic Community, 1991; Prêmio Sendas em Doenças Infecciosas de Crianças (compartilhado), 1995; Howard Hughes Medical Institute, 1997-2002; Prêmio Nacional Unibanco em Medicina (compartilhado), 1998; Auxílio Núcleos de Excelência do Ministério da Ciência e Tecnologia, 1998; Cientista do Estado do Rio de Janeiro em 2000-2022; Ordem Nacional do Mérito Científico concedido pela Presidência da República do Brasil na classe de Comendador (2002) e na classe de Grã-Cruz (2009); Prêmio da Academia Mundial de Ciências (TWAS) de Biologia, TWAS Award in Biology, 2006; Prêmio FCW 2009 em Ciência e Cultura da Fundação Conrado Wessel, 2010; Prêmio Faz Diferença - Ciência/Saúde 2012 do jornal O Globo, entre outros.

#### A FAPERJ

A Faperj é a agência de fomento à ciência, tecnologia e inovação do Estado do Rio de Janeiro. Criada em 1980, vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, a Faperj visa estimular atividades nas áreas científica e tecnológica e apoiar de maneira ampla projetos e programas de instituições acadêmicas e de pesquisa sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Isso é feito por meio de concessão de bolsas e auxílios a pesquisadores e instituições, previstos no Programa Básico (com calendário informando a abertura duas vezes ao ano) e os editais para bolsas e auxílios.

Na 3ª edição do Rio Innovation Week (RIW), no Píer Mauá, em outubro, a Faperj contou com estande próprio, com uma programação de sucesso, incluindo 38 palestrantes selecionados em diversos programas de inovação tecnológica e empreendedorismo apresentando seus projetos. Para o presidente da Faperj contou, Jerson Lima, uma das missões mais importantes da Fundação é garantir o apoio a todo evento que promova a inovação tecnológica, que fomente a colaboração entre os setores produtivos, criando oportunidades de negócios.

#### Missão

Cabe à pesquisa brasileira papel-chave para a construção de uma cidadania plena, para o desenvolvimento cultural e socioeconômico, na promoção do bem-estar da população e na autonomia tecnológica do país.

A Faperj colabora no reforço, modernização e criação da infraestrutura necessária para o desenvolvimento de projetos de pesquisas realizados em instituições públicas ou privadas no Estado do Rio de Janeiro.

O intercâmbio e a formação de pesquisadores são promovidos mediante a concessão de bolsas, com ou sem retorno financeiro. Além disso, financia e apoia ações que visem a atualização ou a modernização curricular do ensino, de professores e pesquisadores nas áreas de ciência e tecnologia, em todos os níveis.

A Fundação estimula e financia, ainda, a formação ou atualização de acervos bibliográficos, bancos de dados e de meios eletrônicos de armazenamento e transmissão de informações para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa, em todos os níveis; assessora o Governo do Estado na formulação de políticas em Ciência e Tecnologia; atua como órgão captador de recursos por meio de contratos e convênios, nacionais ou internacionais, e atua como gestor do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico – FATEC.

Entre muitos programas da Faperj, destacamos alguns:

Programa de Apoio a Núcleos de Excelência – Pronex – Destina-se a apoiar a execução de projetos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação de grupos de pesquisa de reconhecida excelência no Estado do Rio de Janeiro.

Programa Bolsa Nota 10 – Incentiva os Programas de Pós-Graduação do Estado do Rio de Janeiro de significativa excelência, mediante a concessão de bolsas com valores diferenciados a alunos de mestrado e doutorado com destacado desempenho acadêmico.

Jovem Cientista do Nosso Estado – As bolsas "Jovens Cientistas do Nosso Estado" destinam-se a apoiar projetos coordenados por pesquisadores em fase intermediária da carreira acadêmica, vinculados a instituições de ensino e pesquisa sediadas no estado do Rio de Janeiro.

Estímulo à produção e divulgação científica e tecnológica – Apoio à produção de material didático para atividades de ensino e pesquisa – Destinam-se a apoiar a produção de material didático e de divulgação científica e tecnológica no Estado do Rio de Janeiro.

Apoio a programas de pós-graduação stricto sensu em Universidades Estaduais – Apoia a aquisição de materiais de consumo, equipamentos, serviços diversos e a execução de obras de infraestrutura previstos em projetos apresentados por programas de pós-graduação stricto sensu credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e sediados em universidades estaduais.

Apoio à melhoria do ensino em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro – Apoia iniciativas que visem à melhoria do ensino em escolas públicas, por meio de projetos que abordem temas relevantes ao processo de ensino-aprendizagem.

Jovens Talentos – Destina-se à concessão de bolsas de préiniciação científica para estudantes do ensino médio público que tenham interesse e potencial para atuar em atividades de pesquisa em ciência e tecnologia.

Apoio à produção e divulgação das artes no Estado do Rio de Janeiro – Estimula a produção e a divulgação das artes no Estado do Rio de Janeiro, por meio do apoio a projetos de pesquisa.

Apoio à construção da cidadania da pessoa com deficiência – Destina-se a estimular a realização de projetos que tenham por objetivo o estudo e o provimento de diagnósticos e soluções em temas relacionados à promoção do direito à cidadania da pessoa com deficiência.

Apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico regional no Estado do Rio de Janeiro – Objetiva apoiar o desenvolvimento científico e tecnológico no Estado do Rio de Janeiro, por meio de ações integradas.

Estudo de soluções para problemas relativos ao meio ambiente – Destina-se a estimular projetos de pesquisa que visem ao estudo de soluções para problemas ambientais, propiciando a efetivação de ações públicas para a melhoria da qualidade de vida da população do Estado do Rio de Janeiro e do país.

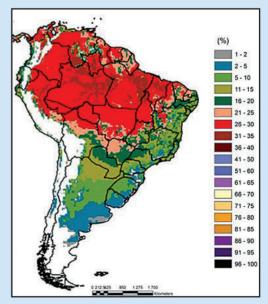
Publicação de periódicos científicos e tecnológicos institucionais – Tem por objetivo apoiar e incentivar a editoração e publicação de periódicos científicos e tecnológicos brasileiros, impressos e/ou por via eletrônica, em todas as áreas de conhecimento, mantidos e editados por Instituições Científicas e Tecnológicas ou Sociedades Científicas Brasileiras sediadas no Estado do Rio de Janeiro, de forma a ampliar a divulgação de resultados das pesquisas e contribuir para o desenvolvimento do Estado.



Jerson Lima com os acadêmicos na reunião que elebrou acordo de cooperação técnica da Academia Brasileira de Letras com a Faperi.



Na segunda janela anual de inscrições do programa Bolsa Nota 10, divulgada em setembro, a Faperj concedeu 63 bolsas na modalidade Mestrado Nota 10 e 47 bolsas na modalidade Doutorado Nota 10.



A meteorologista e "Cientista do Nosso Estado" pela Faperj, Renata Libonati, coordenou um estudo inédito desenvolvido no Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais (Lasa) do Departamento de Meteorologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), revelando que o número anual de horas sob estresse térmico aumentou significativamente em todas as zonas climáticas do continente sul-americano. A figura mostra a porcentagem de horas de estresse térmico na América do Sul.

## Literatura Infantil Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

lisite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amo

## Paz na Terra!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos — e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Autores e ilustradores importantes preenchem a nossa página natalina. Histórias criativas, delicadas, sensíveis que nos transportam para vários lugares e nos permitem conhecer personagens diferentes.

Alguns autores, famosos em premiações — como José Saramago. Outros, importantes na sensibilidade com o leitor — como Carpinejar. A especialíssima Ruth Rocha — uma contadeira de histórias de primeira, e o divertido Gregorio Duvivier — que nos faz rir nos programas de TV. Que todos nós possamos olhar a natureza com a delicadeza do traço de Odilon Moraes, a simplicidade de pregadores de madeira e ter flores nos cabelos!

Reunidos aqui, com as histórias envolvidas na magia das ilustrações, comemoramos o final de ano com o pedido para que as crianças sejam protegidas das guerras, possam vivenciar o espírito do Natal e ter esperanças por um mundo de paz.

O Primeiro Barco (Companhia das Letrinhas) – A delicadeza do texto de José Saramago se encontra com as ilustrações de Amanda Mijangos e se complementam. A conquista do mar, saga portuguesa, tem início na necessidade por alimentos, na decisão e na coragem, mas é preciso mais do que um homem... Novo livro que se une aos já editados pela Editora dedicados ao público infantil (O Silêncio da Água e Uma Luz Inesperada).





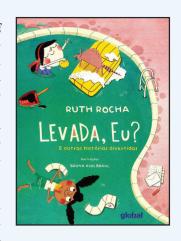
Em Busca do Famoso Peixarinho (Brinque-Book) – Parece que Gregorio Duvivier encontrou uma nova e deliciosa atividade: a literatura infantil. Depois de João Pestana (Companhia das Letrinhas e ilustrações de Laurent Cardon), onde reconta história narrada por sua mãe, o homem das artes cria agora uma história divertida de um menino e seu peixinho com asas que brincam na banheira. As ilustrações são de Johanna Thomé de Souza. Mas, onde será que o peixarinho foi parar? Como recuperá-lo?

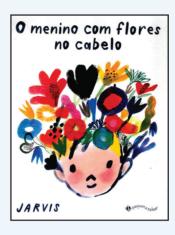
Criatividade não falta nesta história e a mãe se transforma em heroína para recuperar o fujão.

Lá Longe (Pequena Zahar) – Delicadeza, beleza, sensibilidade. Lindo livro que procura estabelecer um diálogo (silencioso) entre a mata e a cidade, entre os animais e o menino que vive lá longe, e sonha. Carolina Moreyra dirige a observação e as impactantes ilustrações de Odilon Moraes transportam os sonhos e a realidade.

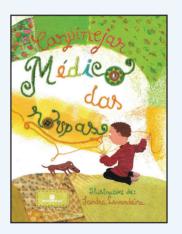
Levada, Eu? – E
outras histórias divertidas (Global) – Ruth
Rocha é especialista
em histórias divertidas
para a garotada. A menina que não era maluquinha
e Juju são as protagonistas
das histórias divertidas com
as atrapalhadas que elas criam.
Confesso que ri muito da tenta-

tiva de dar banho na gata (quem tem gato sabe). Bruna Assis Brasil encheu de cores as histórias, alegrando ainda mais o livro.





O Menino com Flores no Cabelo (Pequena Zahar – tradução de Julia Bussius) – O inglês Jarvis desenhou e ilustrou esta linda metáfora que permite diferentes interpretações e desperta sentimentos. A amizade é o tema principal desta delicada história que nos encanta e isso fica evidente quando as flores do cabelo do pequeno Davi começam a cair e seu melhor amigo não sai do seu lado.

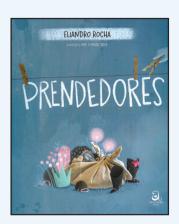


Médico das Roupas (Bertrand Brasil) – A criatividade e a sensibilidade de Carpinejar já são bem conhecidas pelos seus leitores e admiradores. Com ilustrações de Sandra Lavandeira, este livro de cor vibrante aquece o coração. Juliano é diferente dos meninos de sua idade: não gosta de futebol, não gosta de ficar por horas em jogos eletrônicos e conversas no computador. Solitário e triste, o menino sempre usa as roupas usadas do irmão mais velho, gastas, grandes, feias. Quando descobre a magia da

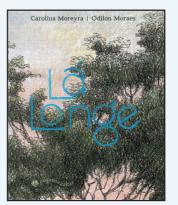
agulha e da linha, Juliano cria um novo mundo e se transforma no cirurgião plástico das roupas! Delícia!

Prendedores (Abacatte) – Eliandro Rocha escreveu e as ilustrações são de Ana Thomas Terra – Encontrei-me em cada página deste delicioso livro, brincando com meus irmãos com os pregadores de roupa

da minha mãe. Gostava muito da saia, do colar, mas os brincos eram impossíveis – doíam



muito nas orelhas... Simples, de madeira, sem cores, mas muito divertidos no nosso mundo infantil.



## Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



#### Patrick Süskind

(Ansbach, Baviera, Alemanha, 26 de março de 1949) Escritor alemão, filho do escritor e jornalista W. E. Süskind, Patrick, estudou História Moderna e Medieval na Universidade de Munique e em Aix-en-

Provence, na França. Publicou alguns contos, em 1979. Mas foi O Perfume, lançado em 1985, seguido por A História do Sr. Sommer de 1991 e, em 1995, Três Histórias. Outro trabalho que lhe deu fama foi o monólogo dramático O Contrabaixo. Muito pouco se sabe sobre a vida de Süskind, que é considerado uma das pessoas mais retraídas do cenário literário alemão. Além de escritor, Patrick é também roteirista de televisão. O Perfume foi publicado inicialmente em capítulos, no jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung, revivendo a tradição dos folhetins. A série O Perfume fez tanto sucesso que no final daquele mesmo ano (1985) foi transformada em livro. Obras publicadas: (1981) - O Contra-baixo, (monólogo); (1981) -Um Combate e Outras Histórias, contos; (1985) – O Perfume – História de um assassino, romance; (1987) - A Pomba; (1991) - A História do Senhor Sommer, novela (ilustrada por (Sempé); (2006) Sobre o Amor e a Morte, ensaio. Um filme, baseado no livro O Perfume, realizado por Tom Tykwer, estreou em 14 de Setembro de 2006.

acervo JL

#### **THOMAS MANN**

(Cidade Livre de Lübeck, 6 de junho de 1875 – Zurique, 12 de agosto de 1955) Escritor, romancista, ensaísta, contista e crítico social do Império Alemão. Tendo recebido o Nobel de Literatura de 1929, é con-

siderado um dos maiores romancistas do século XX. Em 1892, com a morte do pai, que deixou uma vultosa herança, a família mudou-se para Munique, centro das artes e da literatura. Em 1893, Thomas Mann escreveu alguns textos para a revista A Tempestade de Primavera. Nesse mesmo ano, mudou-se para a Itália, Thomas Mann permanecendo na Itália até 1898. De volta a Munique, trabalha como editor no jornal satírico/humorístico Simplicissimus. Apaixona-se por Paulo Ehrenberg, sem ser correspondido, o que definiu mais tarde como "uma experiência central do seu coração". Em 1900, Thomas Mann publicou sua primeira novela Buddenbrooks. Em 1905, casa-se com Katia Pringshein, com quem teve seis filhos. Em 1911, Thomas Mann viaja para a cidade de Veneza e se inspira para escrever a novela Morte em Veneza (1912), sombria e majestosa descrição dos últimos dias de um escritor alemão numa Veneza assolada pela peste. Opositor do nazismo, Thomas Mann deixa a Alemanha em 1933 e se exila em Küsnacht, na Suíça. Em 1936, o nome de Thomas e de sua família é relacionado entre os expatriados, perdendo a nacionalidade alemã.

acervo J



#### STEFAN ZWEIG

(Viena, 28 de novembro de 1881 – Petrópolis, 22 de fevereiro de 1942) Escritor, romancista, poeta, dramaturgo, jornalista e biógrafo austríaco de origem judaica. A partir da década de 1920 e até sua morte, foi um dos

escritores mais famosos e vendidos do mundo. Stefan Zweig estudou Filosofia na Universidade de Viena, e em 1904 obteve seu doutorado com uma tese sobre A Filosofia de Hippolyte Taine. Sua primeira coletânea de poemas, Silberne Saiten (Cordas de Prata), foi publicada em 1902. Em 1915, casou com a escritora Friderike von Winsternit, Escreveu as biografias de Dostoievski, Dickens, Balzac, Nietzsche, Tolstoi e Stendhal, entre outros. Separou-se de sua esposa, uniu-se à Charlotte Elizabeth Altmann (conhecida como "Lotte"). Em 1933, Adolf Hitler chegou ao poder na Alemanha e instalou a ditadura nazista. O casal atravessou o Oceano Atlântico em 1940 e se estabeleceu inicialmente nos Estados Unidos, em Nova Iorque. Em 22 de fevereiro de 1942, deprimido, Zweig escreveu uma carta de despedida e suicidou-se com a esposa, Lotte, com uma dose fatal de barbitúricos, na cidade de Petrópolis, no Brasil. A notícia chocou tanto os brasileiros quanto seus admiradores de todo mundo. O casal foi sepultado no Cemitério Municipal de Petrópolis, de acordo com as tradições fúnebres judaicas. A casa onde o casal cometeu suicídio é, hoje, um centro cultural dedicado à vida e à obra de Stefan Zweig.

## Inteligência Artificial: felizmente é perfeita

Por Paula Cunha\*

Se nós, humanos, não soubéssemos reagir ao inesperado, já teríamos sido aniquilados há muito.

Há uma nova obsessão global chamada "inteligência artificial generativa" (IAG), que alguns, erradamente, reduzem ao ChatGPT. Reconheço o perigo que espreita, sobretudo, porque pode estar ao serviço de pessoas com intenções malévolas. Assusta-me a possibilidade de caminharmos para uma sociedade distópica, ameaça que não é despicienda, nem tão pouco apenas com lugar no imaginário de Huxley, Orwell, Burgess ou Wells.

Esta utilização das tecnologias para o controle social não é estranha, como provam exemplos recentes que, ainda sem recorrerem a tamanha sofisticação (será?), já demonstraram bem o poder dos algoritmos. Mesmo sem serem propositadamente direcionados, são capazes de induzir comportamentos, os quais, porventura, mais tarde são alvo de arrependimento.

Também não ignoro os avisos que Yuval Harari, filósofo israelita que nos tem assustado com a sua visão pessimista, quando não fatalista, nos lança sobre a hipótese de a biotecnologia aplicada à IAG vir a potenciar não só as desigualdades econômicas como, mais grave, as biológicas. Passaríamos a ter classes sociais desequilibradas – nada que não conheçamos ao longo da história da humanidade –, mas igualmente



Foi solicitada à ferramenta que criasse uma imagem que ilustrasse uma matéria com o título desse artigo, acrescido dos seguintes parâmetros, que também foram gerados por ferramenta de IA, o ChatGPT, apenas pela sugestão do título do presente artigo: "A cena deve retratar uma harmoniosa fusão entre tecnologia futurista e um ambiente utópico e sereno. Imagine um mundo impulsionado pela inteligência artificial, onde máquinas coexistem de maneira fluida com a natureza, simbolizando uma utopia de progresso tecnológico." (N. do E.)

"classes biológicas" hierarquizadas em função das capacidades tecnológicas incorporadas nos indivíduos. Ficção científica ou nem por isso?

Esta ferramenta sabe dar respostas com base no conteúdo do seu imenso repositório de dados, mas é incapaz de lidar com o desconhecido.

No entanto, estou mais inclinada para a linha de raciocínio que Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, nos apresenta, quando recorda: "A inteligência artificial não pode pensar por que não se arrepia. Falta-lhe a dimensão afetivo-analógica, a comoção, que não pode ser captada por dados e informações. A inteligência artificial não pensa porque ela nunca está fora de si. Espírito significa originalmente ser-fora-de-si ou comoção.

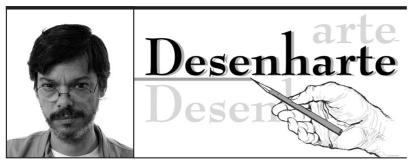
A inteligência artificial pode até calcular muito rapidamente, mas falta-lhe o espírito. Para ela, calcular a comoção seria apenas um incômodo" (in *Não-Coisas*, 2022, editora Vozes, p 41-44).

E este é um argumento fundamental, ao qual se acresce o de Chomsky, que, apesar de alarmista, nos explica, num artigo publicado no *New York Times* em Março, que a IAG não é realmente inteligente porque não consegue pensar criticamente. O ponto é que esta ferramenta não é capaz de entender a negação, não consegue distinguir o possível do impossível. Ela sabe dar respostas com base no conteúdo do seu imenso repositório de dados (fantástica a rapidez com que nos atende), mas tem dificuldade em lidar com o desconhecido.

Ora, se nós, humanos, não soubéssemos reagir ao inesperado, já teríamos sido aniquilados há muito. É esta aparente fragilidade humana, a nossa imperfeição que nos leva a cometer erros – e não é assim que ciência se faz? –, mas sem desistir, que nos permite poder estar um passo à frente da máquina e sobreviver.

O maior perigo, como alerta Harari, pode ser o de querermos imitar a máquina. Aí, sim, estragaríamos tudo. Até lá, é a nossa imperfeição que nos pode salvar.

> \*Paula Cunha é socióloga, administradora na Sociedade Portuguesa de Autores.

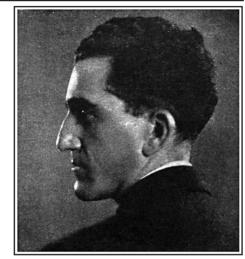


Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com

#### HISTÓRIA DA CARICATURA NO BRASIL, DE HERMAN LIMA, COM-PLETA 60 ANOS

Desde o surgimento da coluna *Desenharte*, registrei em alguns textos o respeito que nutro pela



Herman Lima.

figura do escritor e pesquisador Herman Lima, cuja carreira produziu uma seleta coleção de obras marcantes, iniciada em 1924, quando do surgimento de *Tigipió*, livro de contos com 190 páginas, editado pela Livraria Leite Ribeiro, editora que, na época, foi a responsável por colocar no mercado editorial diversos jovens escritores do país. Depois, Herman Lima lançou os livros *Garimpos* (1930), *Na Ilha de John Bull* (1941), *Outros Céus, Outros Mares* (1942), *Variações sobre o Conto* (1952), *Roteiro da Bahia* (1953), *Imagens do Ceará* (1958) e *Poeira do Tempo* (1967) – seu livro de memórias.

Herman de Castro Lima nasceu no dia 11 de maio de 1897, no município de Fortaleza, Ceará. A trajetória do escritor começou muito antes de sua primeira obra publicada, já que o artista era conhecido pelos leitores de algumas das publicações populares do Rio de Janeiro, como a infantojuvenil O Tico-Tico e a revista semanal Fon-Fon. Para a primeira, Lima colaborou com alguma regularidade, sendo um habitual participante e vencedor dos concursos da primeira revista infantil brasileira. Aliás, Herman Lima chegou a publicar algumas boas ilustrações nesta revista, com destaque para a edição de junho de 1914, quando o jovem desenhista teve uma de suas artes publicadas a cores, num daqueles jogos de recortar e armar. Na época, os editores anotaram: "Original do nosso distinto colaborador Herman Lima." Para a Fon-Fon, em 1919, o escritor teve um de seus contos publicados em três páginas, quando foi apresentado como promissor talento pelo poeta e romancista cearense Antônio Salles. No conto, Herman Lima esbanja criatividade ao narrar a experiência sobrenatural de um pescador jangadeiro.

O escritor também foi habitual colaborador da grande imprensa carioca, com pesquisas e reportagens sobre literatura, turismo, artes e, especialmente, a caricatura brasileira, com textos publicados nas revistas *O Malho, O Cruzeiro, Manchete, Revista da Semana* e *Revista do Livro* – órgão do Instituto Nacional do Livro. Em 1949, Herman Lima publica seu primeiro livro temático sobre a arte do humor gráfico, no caso Rui e a Caricatura, com uma interessante coleção de desenhos humorísticos sobre a figura do escritor e político Rui Barbosa. No ano seguinte, o pesquisador organiza junto ao Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, sob o comando de José Simeão Leal, um álbum de seu grande ídolo, o caricaturista J. Carlos. Em 1954, novamente pelo mesmo ministério, pela coleção "Artistas Brasileiros", lança o livro *Alvarus e os seus Bonecos*, coletânea com 72 caricaturas desenhadas por Álvaro Cotrim, inclusive uma retratando o próprio Herman Lima.

Em 1963, entre os meses de outubro e novembro, depois de mais de duas décadas de pesquisas, Herman Lima viu sua principal obra ser publicada pela editora José Olympio: *História da Caricatura no Brasil.* Numa magnífica coleção de 4 volumes, é a mais completa e complexa obra editada sobre o tema até os dias atuais. Hoje, é praticamente impossível se debruçar numa pesquisa sobre o humor gráfico brasileiro



Herman Lima visto por Alvarus.

sem a obrigatoriedade de folhear e estudar os quatro volumes desenvolvidos por Herman Lima. O pesquisador conseguiu reunir, em mais de 1.790 páginas, estudos sobre os primórdios da caricatura brasileira, assim como seus principais artistas. Lima citou mais de 200 desenhistas, sendo que boa parte deles com interessantes biografias, informações curiosas e avaliações técnicas sobre referências e influências artísticas. Mesmo com as críticas comuns nesse tipo de obra - parte delas por ter deixado de citar alguns caricaturistas, outras por discordâncias sobre fatos históricos e dados sobre pioneirismos – a pesquisa de Herman Lima é preciosa sob todos os aspectos, especialmente por ter deixado em sua bibliografia, sem egoísmos, muitas referências para futuros pesquisadores. Quando do lançamento da História da Caricatura no Brasil, Josué Montello, ao comentar sobre

a obra no *Jornal do Brasil*, assim definiu a importância da pesquisa na trajetória vitoriosa do autor: "Romancista de *Garimpos* e contista de *Tigipió*, Herman Lima, não obstante o valor desses dois livros, nasceu em verdade para escrever uma longa história – a *História da Caricatura no Brasil*."

A magnífica obra de Herman Lima completou, em novembro passado, 60 anos de seu lançamento. Infelizmente, como de hábito acontece num país amnésico como o Brasil, a importante data praticamente passou em branco. Aliás, não é de hoje que o historiador é pouco lembrado, inclusive por pesquisadores que surgiram após as publicações de Herman Lima. Pelo menos meia dúzia de livros dedicados ao desenho de humor brasileiro, que vieram depois dos lançamentos de Herman Lima, todos eles, sem exceção, se basearam na História da Caricatura no Brasil. Alguns chegaram ao cúmulo de copiar até títulos de capítulos que Herman escreveu. Todas as tentativas de atualizar a chamada História da Caricatura no Brasil seriam válidas se, antes de tudo, os autores reconhecessem que eles mesmos são dependentes de Herman Lima, inclusive na observação da bibliografia que o escritor cearense deixou aos futuros pesquisadores. Lamentavelmente, alguns desses "novos" pesquisadores fazem questão de tentar parecer que eles descobriram a pólvora e sequer citam Herman Lima como deveriam. Tudo que Herman Lima escreveu sobre a caricatura brasileira elevou o humor gráfico nacional à arte de primeira grandeza, e fez da caricatura referência definitiva para a história política, social e cultural do Brasil. Mais do que qualquer coisa, a comunidade gráfica e humorística nacional têm um dívida histórica com Herman Lima.

Após problemas de saúde causados por enfisema pulmonar, seguido de um câncer de intestino, Herman Lima faleceu no dia 21 de junho de 1981, aos 84 anos, sendo sepultado no cemitério São João Batista, em Botafogo. No Youtube, o leitor do *Jornal de Letras* pode buscar pelo canal TV Assembleia – Ceará, e pesquisar pelo documentário "Perfil de Herman Lima". Neste vídeo, dirigido por Angela Gurgel, em pouco mais de 55 minutos, o espectador saberá tudo sobre o escritor e principal pesquisador da caricatura brasileira, com depoimentos de admiradores, jornalistas e pesquisadores, além dos filhos do contista, Teresinha Amarante, Marta Lima Ghiatã, Ana Beatriz e João Antônio.

Saúde e Arte!



Herman Lima, seu filho João e José Olympio, quando do lançamento de sua principal obra.

## Quero ser um bem-te-vi

Por Romão Sampaio Carvalho\*

Ser racional? Envergonha-me ser humano, Esse ser irracional. Mais burro que o próprio burro. Menos racional do que um tucano. Ao invés da fala, preferirei o esturro. Ou serei um marciano, Uma criatura em Júpiter, Ou um ser venusiano. Se há a reencarnação, Quero ser num bem-te-vi, Uma lontra, um leão, Um tatu, ou um jaboti. Ou voltar num corpo de peixe, De uma águia, de um gavião. Ou vir sem encarnar. Serei um pé de limão, Um imponente jatobá, Ou a relva sob o orvalho, Um belo jacarandá, Um cedro, Ou um grande carvalho Gente não! Chega de estupidez. Disputas, batalhas, guerras, Teimosia e insensatez A inundar a Terra, para angariar mais e mais terras. Em nome de um deus que não é meu. E de uma glória que só o rancor encerra. Não serei da espécie humana, Cristão, ateu, muçulmano, budista e nem judeu. Nesse mundo perverso, violento e insano, Aceito ser qualquer ser, Só não aceito ser humano.

\*Romão Sampaio Carvalho é escritor de Jaboatão dos Guararapes.



## Soneto de Natal

Por Antonio Olinto

"Mudaria o Natal ou mudei eu?" Machado de Assis

Mudaria o Natal ou mudo iria mudar sempre o menino o mundo em tudo? Ou fui só quem mudei, e meu escudo novidadeiro, múltiplo, daria

ao mudadiço mito da alegria em noite tão mutável jeito mudo? O homem é mudador, muda de estudo, de mucama, de verso, pouso, dia,

porque a muda modula esse desnudo renascimento em palha, e molda e afia o instrumento da troca, o fim miúdo,

a noite amena erguendo-se em poesia. Mudei eu sempre sem saber que mudo ou somente o Natal me mudaria?

## De bibliotecas e livrarias

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Bibliotecas e livrarias. Repositórios do conhecimento humano de antes do advento dos bancos de dados. Precisasse-se de informação qualquer, ia-se à biblioteca, solicitava-se um livro à bibliotecária, folheava-se-o, outras informações saltando-lhes das páginas, levando a outras mais. Os bancos de dados funcionam de maneira semelhante, à exceção da ajuda da bibliotecária: é o procure você mesmo. A eficiência da funcionária, que falta no nosso notebook (a funcionária, não a eficiência), é compensada pela instantaneidade do acesso aos links. O problema é que nem sempre se sabe o que se procura, e a profusão desordenada de informações começa a trazer consequências.

Já livrarias são estabelecimentos onde se comercializam livros. Aí manda o livreiro, o profissional que, conhecendo o seu ofício tanto quanto o seu estoque, auxilia o cliente no que ele deseja, ou venha a desejar, depois de trocarem ideias. Conheci alguns, bons livreiros, sempre leitores inveterados que viviam do comércio de livros. Faziam indicações que acabavam levando em conta suas impressões pessoais. Devia-se reconhecer neles uma certa ascendência para que fossem ouvidos e acatados, e essa ascendência vinha do reconhecimento da sua maior ou menor intimidade com a leitura.

Bibliotecas e livrarias constituem filão literário interessante: de Jorge Luis Borges a Alberto Manguel e a Jorge Carrión (seu *Livrarias*:

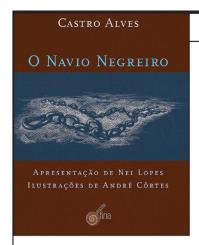
Uma história da leitura e de leitores, já em segunda edição pela Bazar do Tempo, é o mais recente de que tenho conhecimento) passando por A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis, de Lilian Schwarcz, publicado pela Companhia das Letras, ler sobre casas de livros sem dúvida interessa aos leitores. Em Breves Notas Quase-literárias (2019) recordei passagens por livrarias que me ficaram na memória. Dentre elas, uma vez em que, estando em Luanda numa atividade científica coordenada pelo Exército angolano, solicitei à organização a ida a uma livraria. O deslocamento se deu na companhia de batedores, com direito a escolta durante a permanência no estabelecimento, e me rendeu alguns títulos de História de Angola. Menos um, que me interessava particularmente e não encontrei. Comentei com a organização, meio desapontado. Dias depois do regresso recebia em casa, pelos correios, o volume desejado, numa demonstração de gentileza e atenção a que até hoje sou grato.

Em 2015, publicamos, os frequentadores da tertúlia que se reuniam aos sábados na extinta Livraria Logos, de Vitória, uma coletânea chamada *Na Livraria: Diversa caligrafia*. A temática é a determinada no título, e os textos proporcionam uma viagem pelo olhar de cada autor. Um deles nos faltou este ano: o Luiz Carlos (Caco) Appel, leitor voraz, que revisava textos, bolava capas, editorava volumes – enfim, como fez com o *Na Livraria*, que organizou junto com o Pedro J. Nunes, premiado autor local. Seu texto, "Livros encantados", é um passeio por livros mágicos, livrarias idem e temas livrescos explorados por Carlos Ruiz Zafón, Juan Villoro, John Connolly e Reinaldo Santos Neves. Numa prosa agradável, narra aventuras acontecidas no universo fantástico em que imerge o leitor de ficção e conclui evocando o "poder" dos livros conjurados a muitas mãos. O que pode ser lido também como metáfora, uma metáfora sobre os efeitos decorrentes da difusão da leitura. Atividade, infelizmente, cada vez mais esquecida.

\* Getúlio Marcos Pereira Neves é membro da Academia Espirito-santense de Letras.



## Novos Lançamentos



#### O Navio Negreiro

Originalmente inserido na obra *Os Escravos*, publicada anos depois da morte de Castro Alves, *O Navio Negreiro* é um clássico que sobrevive ao tempo e que nos leva a refletir sobre a formação desta grande – e desigual nação – que é o Brasil. A obra do abolicionista retrata a crueldade a que eram submetidos os escravos na travessia atlântica. Estamos em pleno século 21 e, mesmo com todo o progresso e os avanços sociais, os reflexos de anos de segregação racial e trabalho escravo se fazem notar. Estamos em pleno sistema democrático e o racismo persiste como realidade. Os anos não conseguiram extirpar as raízes de séculos

de exploração. As desigualdades são diárias, as humilhações são chagas recorrentes. Passado mais de 100 anos da lei assinada pela Princesa Isabel pondo fim à escravidão no Brasil, e a cor da pele ainda é fator relevante em questões como educação, trabalho, habitação e concentração de riquezas. *O Navio Negreiro*, obra prima de Castro Alves, com apresentação de Nei Lopes e ricamente ilustrado por André Côrtes, sai pela égide do Grupo Editorial Zit (selo Escrita Fina).



#### Memórias de um estilista

Inventivo, autêntico, poético: estas são algumas das muitas características de Ronaldo Fraga. Mas o estilista é muito mais. Artista multifacetado que saiu de Minas Gerais para o mundo, fincando sua estrela entre os principais nomes da moda internacional, ele relembra, neste livro de entrevistas conduzidas pela jornalista Sabrina Abreu, os momentos mais marcantes de sua trajetória pessoal e profissional. *Memórias de um Estilista Coração de Galinha* (Autêntica Editora) é fruto de nove anos de encontros entre entrevistadora e entrevistado, com conversas que passam pelos mais diversos temas. Das passarelas à vida privada, estão presentes neste livro as memórias de infância, os tempos

de faculdade, o período que viveu em Nova Iorque e em Londres, a militância política, os relacionamentos, as principais coleções, a conturbada ligação de amor, ódio, sonho e crítica com a moda. Em formato de entrevista, ilustrado com fotos e croquis, *Memórias de um Estilista Coração de Galinha* desnuda o processo criativo do designer, suas referências e andanças do Norte ao Sul do Brasil, com humor afiado e sem fugir das polêmicas. Enquanto os diálogos avançam, acompanhamos o aprofundamento da relação entre entrevistado e entrevistadora e, por que não dizer, também do leitor, que tem nesta obra uma oportunidade única de compartilhar da intimidade destes encontros.



#### DISQUE DENÚNCIA

Nos anos 1990, uma onda de sequestros aterrorizou a população do Rio de Janeiro. Em meio à escalada na violência, começa a ser desenhado o projeto de uma central telefônica para receber ligações anônimas relatando crimes. Experiente na cobertura da segurança pública no estado do Rio, Mauro Ventura acompanhou de perto o nascimento do Disque Denúncia, que, desde sua criação, em 1995, recebeu quase 3 milhões de denúncias, que resultaram na prisão de mais de 20 mil bandidos e na apreensão de cerca de 42 mil armas e munições, além de 33 toneladas de entorpecentes. Após três anos de pesquisa, Mauro Ventura reuniu os

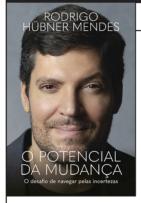
casos mais dramáticos dos 28 anos de atuação do serviço. Com pleno acesso ao banco de dados, Ventura não apenas reconstitui os crimes como também a experiência de quem os vivenciou de perto. Os casos selecionados formam um panorama do crime no Brasil: a maior apreensão de cocaína da história do Rio, a morte chocante de uma criança de 6 anos, a chacina de inocentes por policiais corruptos, sequestros midiáticos, tentativas de fuga de prisão cinematográficas. Crimes solucionados graças ao Disque Denúncia, que, ao longo de quase três décadas, jamais comprometeu o anonimato de um denunciante. Com uma apuração rigorosa, incorporando relatos de dezenas de protagonistas e participantes, Mauro Ventura constrói um relato revelador da política de segurança pública mais eficiente e longeva do Rio de Janeiro.



#### GRAFIAS DE VIDA E MORTE

Referência incontornável no campo dos estudos literários, Silviano Santiago possui produção extensa, entre romances, contos e ensaios. *Grafias de vida – A Morte* dá nova prova da criatividade e perspicácia discursiva de Santiago, em um estilo que lhe é próprio. Nos ensaios aqui reunidos, encontramos, entre outros temas, a crítica ao cânone único e ocidentalizante, a defesa de uma escrita selvagem e libertária, a problematização da domesticação, conceito caro ao autor, além de reflexões sobre o espaço e tempo do fazer artístico. Nas palavras do escritor, "são grafias desequilibridas de vida, que propõem a busca de equilíbrio entre o sentimento de mundo

e o sentimento da vida, entre a mesa posta e a cadeira onde se toma assento, entre o corpo na casa e o pé no mundo, entre o alimento e a fome, entre o tronco de buriti do sertão e a ridícula cadeirinha ouro-pretana". Doutor em letras pela Sorbonne, Silviano começou a carreira lecionando nas melhores universidades norte-americanas. Transferiu-se posteriormente para a PUC-Rio e é, hoje, professor emérito da UFE Foi cinco vezes premiado com o Jabuti. Pelo conjunto da produção literária, ganhou o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras e o José Donoso, do Chile. Recebeu do governo francês a distinção de *Officier dans l'Ordre des Arts et Lettres* e *Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques*. Ganhou o prêmio Camões de 2022.



#### O POTENCIAL DA MUDANÇA

Neste livro inspirador, Rodrigo compartilha suas histórias e oferece as ferramentas e estratégias necessárias para transformarmos as adversidades em trampolins para o sucesso pessoal e profissional. Uma das grandes miragens da humanidade é a ilusão de controle. Boa parte de nossa rotina é composta por ações que foram planejadas e outras que se tornaram hábitos, mas não podemos acreditar que essa situação seja inabalável. Acontecimentos inesperados estão aí para nos provar isso. E, ainda que alimentemos a crença de que as imposições da vida necessariamente nos empurram para o fracasso, nem sempre é assim. Às vezes, são as fases em que

vivemos maior estabilidade que nos levam ao autoengano, à crença de que é só seguir o fluxo para continuarmos tendo sucesso e satisfação. A experiência de ter fundado ainda muito jovem uma escola de arte inclusiva despertou em Rodrigo um interesse, até então desconhecido, pelo universo da gestão e da liderança. Neste livro, o leitor acompanhará todos esses passos, e como Rodrigo desenvolveu um modelo que pode ser aplicado a várias situações da vida. Ele pode ser resumido em três grandes conselhos: mantenha a resiliência nos propósitos, conquiste autonomia de pensamento e adquira plasticidade na ação. Afinal, não é o mais forte nem o mais inteligente que sobrevive, mas quem melhor navega pelas continuidades e upturas inerentes à vida.



#### A FACE OCULTA DE EVA

Apesar de ser um dos países com o maior número de feminicídio do mundo, a vivência da mulher brasileira para a da mulher árabe é muito diferente. O que une as experiências é o fato de que todas estão sob o controle do patriarcado, ainda que elas sejam afetadas pelo mesmo de forma bem diferente. Em *A Face Oculta de Eva*, a autora Nawal el Saadawi começa a desmistificar os estereótipos ocidentais que tentam definir as mulheres árabes e suas lutas, mostrando como essas mulheres são afetadas pelo sistema e como elas moldam suas lutas. Ela faz isso ao apontar a sua caneta para as mulheres árabes comuns e suas rotinas, abordando

a luta diária de mulheres que arcam com as consequências do patriarcado na pele. Os últimos acontecimentos no mundo árabe mostram exatamente como sua narrativa se torna essencial ainda hoje: a emancipação dessas mulheres é pauta extensa em todas as discussões feministas. Com base religiosa, política e outras fontes, a autora mistura estudo com relatos pessoais – que dão rosto e voz para mulheres árabes que pensam, lutam e falam o que pensam, sempre. Nawal El Saadawi foi ativista e escritora, reconhecida internacionalmente por sua luta pelos direitos das mulheres no Egito e no exterior. Sua vida foi marcada por perseguições políticas, já que seu posicionamento era afiado e suas críticas sempre contundentes à sociedade árabe. Teve uma produção prolífica, entre ficção e não ficção, publicando mais de 40 obras. Morreu no Cairo, em 2021, aos 89 anos.

# Posse na Academia Brasileira de Cultura

Por Manoela Ferrari



Posse dos novos imortais da Academia Brasileira de Cultura.

Foi marcante a cerimônia de posse dos 13 novos integrantes da ABC (Academia Brasileira de Cultura), no campus da Fundação Cesgranrio, no Rio de Janeiro. No evento, os destaques foram as ministras Sonia Guajajara e Margareth Menezes, dos Povos Indígenas e da Cultura, respectivamente, e a artista Liniker, a primeira mulher trans a assumir um lugar na instituição. Os outros nomes que fazem parte desse novo grupo são: Alcione, Daniela Mercury, Glória Pires, Conceição Evaristo, Viviane Mosé, Juma Xipaia, José Luiz Ribeiro, Vanessa Giácomo, Antenor Neto e Luana Xavier. Eles se juntam aos outros nomes mais antigos, como Ana Botafogo, Zeca Pagodinho, Fátima Bernardes, Elisa Lucinda, Christiane Torloni, Lilia Cabral, Ney Latorraca, Beth Goulart, Rosamaria Murtinho, Gabriel Chalita e o maestro Isaac Karabtchevsky.

A ministra Margareth Menezes vai ocupar a Cadeira 28, que tem como patrono a cantora Emilinha Borba. A Cadeira pertencia antes à cantora Elza Soares, que morreu em janeiro do ano passado. "Essa academia traz representatividade, cultura mais ampla e se torna um símbolo do povo brasileiro", disse a ministra.

A Cadeira de número 16 vai ser ocupada pela ministra Sonia Guajajara e tem como patrono um integrante do mesmo povo, Paulo Paulino Guajajara, assassinado em 2019 no Maranhão. Em seu discurso, afirmou: "É muito significativo eu estar aqui. Para nós, cultura significa vida."

Em sua fala, a atriz Glória Pires destacou o papel dos artistas e da cultura. "É uma honra inimaginável estar hoje aqui fazendo parte deste grupo diverso de talentos e lideranças que me inspiram e ativam as melhores memórias e emoções surpreendentes como somente a cultura faz", comentou.

Por sua vez, Daniela Mercury lembrou o patrono da cadeira que ela passou a ocupar, "o extraordinário Gonzaguinha, artista por quem tenho identificação e admiração por suas posturas políticas. Sua obra marca a música popular brasileira". Nas redes sociais, a cantora, que completou 40 anos de carreira, comemorou a posse e se disse emocionada com a oportunidade de fazer parte da ABC, ocupando a cadeira que pertencia a Gonzaguinha, de número 24: "Minha responsabilidade como artista hoje aumentou. Me sinto muitíssimo orgulhosa de viver em um país que segue lutando por democracia e pela cultura e seus artistas", escreveu a artista.

Presidida pelo educador Carlos Alberto Serpa, a Academia Brasileira de Cultura foi criada em 2021 para fortalecer o setor cultural do país. O número total de membros é de 56. Alguns membros da Academia Brasileira de Letras também fazem parte da ABC, como Domício Proença, Arno Wehling e Arnaldo Niskier.

A missão da instituição é reunir personalidades de diferentes

setores artísticos e promover a valorização da memória cultural brasileira. "Estamos imensamente felizes por ter congregado personalidades tão diversas de nossa cultura. Acreditamos que nossos ideais não apenas sobreviverão, mas florescerão. Com nossas mãos entrelaçadas e beneficiados por nossa rica experiência em diversas esferas culturais, trabalharemos incessantemente para tornar a cultura uma presença eterna na vida de nossos compatriotas. Nosso compromisso é proteger e incentivar a todos que, como nós, dedicam suas vidas à cultura em suas múltiplas formas. Unidos, nascemos com um ideal sólido e coeso", disse o presidente Serpa.



De cima para baixo:

As cantoras baianas, ministra Margareth Menezes e Daniela Mercury, tomaram posse como imortais da Academia Brasileira de

O discurso da ministra Margareth

O imortal Marcelo Calero cumprimenta a nova acadêmica, ministra Sonia Guajajara.

O presidente da ABC, Carlos Alberto Serpa, com o imortal Arnaldo Niskier, na cerimônia de posse dos novos acadêmicos.

# As diversas faces do tempo em *Tinteiros da Casa e do Coração Desertos*, de Diego Mendes Sousa

Por Alexandra Vieira de Almeida



Logo no primeiro poema deste livro original do escritor Diego Mendes Sousa, temos o tema que vai percorrer todo o livro – o tempo – não em seu rosto único, mas em suas faces múltiplas, desdobrando um tema de uma nota solitária em toda sua amplidão de significados e matizes. Em Tinteiros do Escuro Mergulho, a infância é esta face da memória do tempo, em que o eu não é estático, mas passa pela

transformação do tempo como "passagem", "movimento": "passa o tempo vivaz..." A casa hoje e a casa que ficou se interiorizam neste ser que admite o tempo como acorde dos sonhos: "Minha infância/é este rio cavernoso/ que parte de mim para mim..."

E o tempo só se densifica na escrita e os "tinteiros" só fazem ressaltar esta metáfora da tinta como uma rasura no esquecimento, ferindo-o, para que a dor do sangue/tinta cubra as faces líricas deste eu peregrino que

caminha pela casa e pelo coração desertos. O vazio foi o que ficou. Resta ao presente completar esta plenitude que se traduz como barulho, linguagem. A "tinta fresca" é presentificada, a memória é revivida e a essência de sua escrita é recordar. Como disse o grande teórico da literatura Emil Staiger, a beleza do lírico é a "recordação" e nada melhor do que a poesia para trazer à tona todos os embates da memória, em seu ritmo, em sua pulsação magistral, num recorte que se quer inaugural, pois é volta, origem, infância, família: "Renascer nos rumores que não mais existem."

Se, no tempo da origem, temos este recordar, temos um corte preciso quando se fala das faces do amor, pois em *Tinteiros do Alento do Amor*: "Não há sentimento/no anímico subterrâneo/ que restaure/o sonho das dores /vestidas/sob o Amor". Aqui o tempo é algo ligado à ruptura com o real, o real do hoje que não consegue resgatar do esquecimento as memórias de Eros: "À sombra da sonata do céu de hoje/não desarma o choro já acontecido." Neste sentido, o tempo adquire um outro segredo de sua multiplicidade, a imutabilidade do passado, como se ele quisesse permanecer em sua eternidade incógnita, ignota e indecifrável. A permanência do tempo é descosturar os véus do hoje que mancham, distorcem a visão completa da experiência vivida: "A casa por que passamos/preserva os hábitos/do errar permanente/à luz dos clarões/consumidos?" O tempo neste livro é visto em toda

sua extensão, em sua grandiosidade, seja pelo viés do labiríntico ultrapassar das margens, das lacunas através do presente, seja para não medi-lo, tornando-o incomensurável e eterno, lembrando-nos aqui do "Essencialismo", de Murilo Mendes, ao querer ultrapassar o tempo efêmero, que causa dor, como se a eternidade fosse um desarmamento da dor a partir do mistério.

Outra face do tempo é o erotismo na imagem capturada na sua "Musa-mulher". Misturando o sagrado e o profano, temos a imagem de Vênus num de seus poemas magistrais, incluído no livro. Diego Mendes Sousa quer eternizar o tempo com a amada em estado divinizado, mas que não deixa de ter a imanência do jogo erótico. Aqui temos uma estratégia inovadora na poesia deste poeta promissor, a mistura dos tempos ditos anteriormente no repouso de sua Amada atual, presentificando tempos eternos, mas ao mesmo tempo inacabados com sua Musa, pois o erotismo é esvaziar e preencher o vazio, o passar do tempo e a eternidade, como já se traduzia no verso do grandioso Vinicius de Moraes, "que seja infinito enquanto dure". Temos nesta "dupla chama do erotismo", nos reportando a Octávio Paz, um paradoxo entre esta estaticidade que perdura com a corrosão da dor do tempo. Podemos ver no poema-título do livro esta dinâmica vazio-plena do sentido do tempo: "A morada é deserta/dos vazios repletos/de ardor."

Portanto, temos neste livro de Diego Mendes Sousa estas faces do tempo em "peleja eterna", com seus "clarões" e "vulcões", traduzindo a imanência e a transcendência num só sopro de vida, costurando as respostas e as questões nos espelhos invertidos da memória. Neste poeta impressionante por seus poemas ricos e inventivos, temos a solidão da memória, pois esta traz a solidão profunda, mas ao mesmo tempo se avizinha com os fantasmas, tendo sua companhia nos vazios dos corpos. Nas suas "Visões da Grande Noite", para além das transcendências e eternidades da memória, encontramos a simbologia noturna do imanente erotismo: "A noite é Altair/e seus perfumes/ e sua seda de pele..." Assim, em Diego Mendes Sousa, o tempo é colocado como uma pintura numa moldura em que as simultaneidades dos pontos de vista se cruzam produzindo um perfume tão animador e vivaz como de sua Amada Musa, que pode inebriar e extasiar o seu leitor que é, ao mesmo tempo, o poeta por ora aqui estudado, que é leitor e escritor de sua Musa inspiradora, o próprio tempo que se encarna e desencarna nas tintas claras e obscuras da memória.

#### *Tinteiros da Afrodisia Atrevida* Poema de Diego Mendes Sousa

À imitação da Vênus, vi o teu corpo de suave sombra desenhada nas maçãs sob o dorso varão do semideus faminto. À semelhança do meu destino – caminheiro, observei a pluma da tua vulva a escapar no vento dos beirais sonoros em peleja para o gozo ávido. À beira do amor e do tempo e da beleza de uma eternidade, escrevo a mão - divinizado na corrida desses cavalos frente a frente. À força do falo, que rasga sempre as tuas águas.

Afirmo, sempre, que "o gênio habita o mundo da simplicidade."

E nessa vastidão que os gênios dormem para sonhar as suas quimeras, verdadeiras utopias para os mortais. Todavia, sonhos inimagináveis irrompem para eles, como fossem relâmpagos nos céus da memória, transcendentes da materialidade telúrica, com visões que ultrapassam o incognoscível da gnose humana.

Os gênios são solitários em seus pensares!

O comum não lhes pertence, pois voam pelas asas da imaginação, singulares e siderais.

Adriano Moreira sempre pautou o seu viver pelos meandros do universo da singeleza, do trato fraterno, da interatividade comportamental entre Brasil e Portugal, alçando voos geopolíticos a frente do tempo, a feitio de um Dom Quixote transoceânico.

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS UNIVERSIDADE DE LISBOA

Note transier extensie, reards or tento de vilgare, and distrio a num preclam a ming. Prof Dar Carlo Gattle, academico de surrem protego, dudro a fore de Bracol, como aqui em Pertugal, dudro a fore tre so provi trogo de priver, juntement ana chem simple de provincio de provincio de provincio de provincio de provincio de provincio de menero de melloson votos para vos a vosos foundados per la media de la min precurato alguna de transporta de la major de la maj

Aldran manns

Nesta transição centenária, recordo os tempos de vésperas, onde destaco o meu preclaro amigo Prof. José Carlos Gentili, acadêmico de enorme prestígio, dentro e fora do Brasil, como aqui em Portugal, e com quem tive o privilégio de privar, juntamente com sua simpática esposa Marilene, aqui e além-mar. Os melhores votos para vós e vossos familiares, na esperança de um reencontro algures no tempo e lugar. Restelo, Lisboa, em 6 de setembro de 2022. (Adriano Moreira).

Tornei-me seu discípulo e admirador intransigente. Um fiel escudeiro e ouvinte atento, a tecer loas espiritualmen-

te, a fim protegê-lo de maldições e malquerenças!

A Capital da Esperança e a Academia de Letras de Brasília sempre o receberam com pompa e circunstância, quando mereceu o galardão de Membro Honorário, honrando-nos com a abertura do Congresso Internacional da Língua Portuguesa, a reunir as nove nações componentes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP.

Um evento de magnitude incomum no mundo lusófono, na linha do Equador!

Graças à sua antevisão sociológica e pragmatismo, ensejou o esta-



Isabel Mónica de Lima Mayer e Adriano Moreira – um casal admirável.

belecimento de laços acadêmicos entre a entidade da Capital do Brasil e a Academia das Ciências de Lisboa, a fortalecer vínculos e raízes profundas, harmônicas e viscerais.

Adriano Moreira me faz lembrar Francis Bacon (1561-1626).

Dizia o ex-Lord Chanceler do Reino Unido, Pai do Método Experimental:

"A leitura faz culto o homem. A conversa o faz ágil e o escrever o faz

Um ser longevo e lúcido, que completou, no dia 6 de setembro de 2022, o seu centenário vivencial, meio à uma falange de amigos, admiradores, familiares, envolto pela sua Primeira Dama – Isabel Mónica de Lima Mayer e, dentre eles, a figura incansável do Almirante António Carlos Rebelo Duarte, presidente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa – AICP.

O Restelo esteve em festa, às margens do Tejo!

Entretanto, a humanidade é regida por ciclos e ritos, a encerrar inícios, meios e fins, razão pela qual a alma gigantesca de Adriano José Alves Moreira, transmontano de Grijó, transferiu-se pelo Rito de Passagem, aos páramos da Eternidade, no dia 23 de outubro de 2022.

O Restelo chorou, então, às margens do Tejo!

As tágides, ninfas do latino Tagus, a feitio de nereidas greco-latinas, vieram receber Adriano Moreira acompanhadas de Luís de Camões, rumo ao Olimpo, assim:

"E vós, Tágides minhas, pois criado Tendes em mim um novo engenho ardente, Se sempre em verso humilde celebrado Foi de mim vosso rio alegremente, Dai-me agora um som alto e sublimado, Um estilo grandíloquo e corrente, Porque de vossas águas, Febo ordene Que não tenham inveja às de Hipocrene. Dai-me uma fúria grande e sonorosa, E não de agreste avena ou frauta ruda, Mas de tuba canora e belicosa, Que o peito acende e a cor ao gesto muda; Dai-me igual canto aos feitos da famosa Gente vossa, que a Marte tanto ajuda; Que se espalhe e se cante no universo, Se tão sublime preço cabe em verso."





O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.

Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.

Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

CNC. Em todos os momentos da sua vida.

